

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

CLARICE APARECIDA SILVA SANTOS

**O FUTEBOL DE VÁRZEA COMO ESPAÇO DE
ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS**

SÃO PAULO – SP

2025

CLARICE APARECIDA SILVA SANTOS

**O FUTEBOL DE VÁRZEA COMO ESPAÇO DE
ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS**

ORIENTADOR: MARCIO FARIAS

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Marcio Farias.

SÃO PAULO

2025

SANTOS, C.A.S. **O futebol de várzea como espaço de enfrentamento das desigualdades sociais**. São Paulo, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

Orientador: Marcio Farias

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender os sentidos do futebol de várzea para jovens jogadores de regiões periféricas, a partir de uma leitura sócio-histórica. Para isso, foram considerados o surgimento do futebol no Brasil, sua multiplicação nos campos de várzea e as transformações até o momento atual, além de uma análise histórica crítica da formação das periferias no Brasil. Os dados, colhidos a partir de uma entrevista semi-estruturada e analisados por meio de núcleos de significação, conforme proposto por Aguiar e Ozella (2013), indicaram que o futebol de várzea representa para os jogadores uma forma de obter reconhecimento social através da formulação de identidade de jogador. Essa identidade representa uma mudança qualitativa em relação a identidade pressuposta de jogador de várzea e, portanto, apresenta para os jovens uma *consciência periférica*, corroborando com D'Andrea (2020) e a emancipação, a partir de uma identidade política (Ciampa, 2002).

Palavras-chave: futebol de várzea; identidade; desigualdade social; núcleos de significação.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, que muito lutaram (e muitos km dirigiram) para que eu pudesse estar e concluir a universidade com a maior tranquilidade possível, sem eles, eu não estaria aqui. Em especial, agradeço a minha mãe, Sandra, por todo o carinho e cuidado, além do incentivo pela minha educação, da infância até a faculdade. E ao meu pai, Nilson, sou grata por, entre outras coisas, ter compartilhado comigo o amor pelo futebol e pelo Palmeiras, motivador dessa pesquisa.

Também agradeço a todos os meus familiares que participaram e ajudaram na minha formação, minha madrinha e padrinho, Cristina e Wagner, e todos os meus tios. Em especial, agradeço aos meus avós, que não poderão me ver em vida com o diploma em mãos, obrigada por tudo vó Ordália, vô Benedito e e vó Josepha.

A minha irmã, Ana Clara, sou grata por todas as vezes que me escutou e compartilhou comigo as suas histórias, também é por você que estou aqui e, em breve, me formo psicóloga. Tenho certeza que é por ser sua irmã que sou uma pessoa melhor. Também agradeço todas as vezes que você buscou livros na biblioteca da USP para mim, sem isso, essa pesquisa não teria sido desenvolvida. Aproveito esse parágrafo para também agradecer por trazer Luane e Maitê, nossas cachorrinhas, para a nossa família. E também agradeço a elas por deixarem nossos dias mais felizes.

Ao meu companheiro, Lucas, agradeço por todo carinho, paciência e amor. Lucas esteve comigo durante toda a graduação em psicologia, apoiando, incentivando e, principalmente, não me deixando desistir, nem nos piores momentos. Sua presença em todas as fases desta pesquisa, desde a escolha dos times, a realização da entrevista e o incentivo na escrita e análise foram fundamentais, sem a sua participação, nada disso existiria. Essa pesquisa, na realidade, é a nossa pesquisa.

Também agradeço aos meus amigos, Alexsandra, Higor, Keisy, Lucas e Victória, que participaram da minha formação enquanto pessoa, me ajudaram e incentivaram durante todo o difícil processo de vestibular, comemoraram comigo a aprovação na faculdade e também compreenderam minha ausência enquanto universitária. E aos meus amigos da faculdade, Marília, Sophia, Enzo, Laura, Sofia, Gabriela, Marina e Nina, por terem deixado o processo de ser bolsista na universidade mais elitista do país, menos doloroso e mais divertido, quando eu me lembrar da PUC, lembrarei primeiro de vocês e das risadas no Bandeco.

E agradeço a Sociedade Esportiva Palmeiras, que ao se classificar para a Final da Copa Libertadores de 2025 em uma quinta feira mágica, me fez acreditar que também era possível concluir esse trabalho até o prazo final, por mais curto que ele fosse.

Também agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação, especialmente os professores da equipe de sócio-histórica, que fundamentaram esse trabalho e apresentaram sentido para a minha existência enquanto psicóloga. Em especial, aos professores Pedro Marinho, Agnaldo Gomes, Márcio Farias e Odair Furtado, que viram potencial na minha ideia e me incentivaram a seguir em frente, orientando o meu caminho.

Agradeço também a existência do ProUni, sem esse programa, eu não seria a primeira pessoa da minha família a fazer uma faculdade, sem custos.

Por fim, agradeço ao time Favela Piratininga, por ter me recebido tão bem durante a pesquisa de campo e, especialmente, agradeço aos jogadores Bismarck e Lucas, por concederem o tempo e as suas histórias, em formato de entrevista, mesmo diante da vida corrida que levam.

“O futebol é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros [...] O futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil” (Marcos Guterman, 2010, p.9)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O FUTEBOL E O FUTEBOL DE VÁRZEA: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS.11	
2.1. O FUTEBOL COMO MOVIMENTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO.....	15
3. A FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL E O PROCESSO DE EXCLUSÃO.....	18
4. IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E EMANCIPAÇÃO.....	24
4.1. JOGADOR ENQUANTO UMA IDENTIDADE.....	26
5. MÉTODO.....	29
5.1. Delineamento metodológico.....	29
5.2. Participantes.....	29
5.2.1. Seleção dos Times.....	29
5.2.2. Seleção dos Jogadores.....	31
5.3. Instrumentos.....	32
5.4. Procedimentos.....	33
5.5. Método de Análise.....	33
5.6. Aspectos Éticos.....	34
6. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	35
6.1. “A comunidade para, né, quando se trata de futebol”.....	36
6.2. “A gente já cresce com esse amor, né, com essa identidade dentro da gente”.....	37
6.3. “Na várzea, o amor nunca acabou”.....	39
6.4. “É um time que eu vou levar para o meu coração para todo lugar”.....	42
6.5. “Se você ser pobre, favelado e preto, sempre vai ter um preconceito”.....	43
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	51
Anexo A — Roteiro de entrevista.....	51
Anexo B — Festa das Crianças.....	52
Anexo C — Estreia na Liga de Futebol de Osasco (2º divisão).....	53
Anexo D — 3º Rodada da Liga de Futebol de Osasco.....	54
Anexo E — Quartas de Final da Liga de Futebol de Osasco.....	57
Anexo F — Final da Liga de Futebol de Osasco.....	58
Anexo G — Tabela de Pré-Indicadores e Indicadores.....	60
APÊNDICES.....	1
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	1

1. INTRODUÇÃO

Segundo Marcos Guterman (2010), durante a década de 1930, após fortes investimentos políticos, o futebol no Brasil passou a ser visto como símbolo de uma identidade nacional. Entretanto, existia a distinção entre o valor dado ao futebol amador e o futebol moderno praticado pelas elites, enquanto o futebol moderno buscava aproximações com o futebol europeu, o futebol amador — praticado principalmente na várzea — permanecia próximo da população trabalhadora da cidade, o que causava estigmas na população. Enquanto o futebol da elite era excludente, o futebol de várzea se construía como um espaço de sociabilidade, cultura e lazer para a população marginalizada (Silva, 2022). Dessa maneira, considerando a história do futebol de várzea no Brasil e sua ligação com as classes desfavorecidas, a proposta deste trabalho é compreender qual o sentido do futebol de várzea para os jovens nas periferias e se a presença desta prática no território atual, através dos laços sociais, atua no combate da desigualdade social.

A definição de várzea utilizada no presente trabalho, a princípio, é a proposta por Damo (2005) como “matriz comunitária”, considerada a matriz intermediária entre a prática espetacularizada¹ e a bricolada². Para o autor, o futebol de várzea é a prática “vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia dos campos oficiais” (Damo, 2005, p.41).

O autor ainda define como outras características da várzea a falta de remuneração dos funcionários e a ausência de treinos durante a semana, a flexibilidade de funções de dirigentes e atletas, a organização de competições em nível local, pequenos patrocinadores e a ausência de cobertura midiática ou a cobertura pejorativa da grande mídia. Entretanto, não podemos deixar de considerar as transformações que ocorreram no cenário varzeano nas últimas décadas e que alteraram algumas das características citadas.

Para Silva (2017), “as configurações do futebol oficial têm se inserido cada vez mais no universo varzeano” (p. 88), entre as principais mudanças citadas por ela estão a presença de jogadores profissionais nas competições de várzea — contratados pelos times com melhores patrocínios em busca de maior qualidade técnica e mais chances de ganhar as competições, que possuem premiações elevadas. Em decorrência disso, temos o futebol de

¹ Matriz também proposta por Damo (2003). Refere-se ao futebol organizado de forma globalizada e centralizada por uma instituição (FIFA), e possui, entre outras características, o objetivo da excelência performática.

² Outra matriz proposta por Damo (2003). Corresponde ao futebol que é praticado nas ruas e parques com objetivo de lazer, sem a organização de uma instituição ou a adequação às regras formais do futebol espetacularizado.

várzea como possibilidade de renda para os jovens, além da separação clara entre jogadores e dirigentes.

Em relação aos pequenos patrocínios e ausência midiática, é possível identificar mudanças como os patrocínios das marcas de cerveja Itaipava, a Cachaça 51 e a loja Netshoes para a Copa Pioneer de 2024 (Super Copa Pioneer, 2024), considerada a mais relevante competição de várzea da atualidade. Além de pequenas reportagens sobre as finais das competições e os respectivos campeões, que podem ser vistas em telejornais esportivos reconhecidos, como a realizada sobre a final da Copa do Busão 2024 pelo Globo Esporte SP (GE, 2024).

Retomando a formação histórica do futebol de várzea no Brasil, para Beverari (2009), o futebol varzeano aparece como um fenômeno que resiste desde o seu início às fortes tentativas de segregação e exclusão feitas pela elite, ao surgirem nas margens dos rios da cidade de São Paulo e, posteriormente, nas grandes periferias urbanas. Os times, comumente com nomes dos bairros, revelam grandes laços de amizade e proximidade com o território, além de compartilharem entre os participantes as adversidades do cotidiano das periferias, como a desigualdade social, o racismo e a violência. Assim, segundo o autor, devido às características do território, com poucos recursos e opções de lazer, o futebol atua no espaço como oportunidade de um momento de descontração e diversão, propiciando ainda sentimentos como o pertencimento e a socialização.

De acordo com Del Pino (2002), o processo de exploração e desigualdade social foi intensificado no mundo durante o século XX com a produção do capital e novas tecnologias. Neste momento da história o fenômeno de divisão de classes — em que uma parcela da população é marginalizada e excluída socialmente por outra, que é detentora dos meios de produção e capital e, portanto, dominante — ganha novas características, sendo perversa. Quando a classe dominante priva o acesso de uma parcela da população à posse, bens e serviços, conseqüentemente, há uma privação de riqueza e a formação da pobreza, que por definição inviabiliza a possibilidade de atingir níveis adequados de bem-estar social (Reed; Sheng apud Lemos, 2012). Dessa forma, a população residente das periferias brasileiras, marcadas pela pobreza e a privação de direitos, enfrenta problemas impeditivos de uma vida com condições dignas, inclusive do ponto de vista do bem-estar psicossocial, visto que “qualquer acontecimento social é uma problemática psicossocial” (Sawaia e Silva, 2019, p. 22), reverberando na constituição do indivíduo “que vive e sente na carne as mazelas da exclusão” (Sawaia e Silva, 2019, p.22).

Entende-se que ao oferecer para a população excluída socialmente um meio de lazer, socialização e formação de vínculos com o território, o futebol de várzea pode atuar como um fator positivo na vida dos jovens periféricos, sendo, então, um mecanismo de fortalecimento pessoal e, dessa forma, uma forma de enfrentamento ao sofrimento causado pela desigualdade social. Assim, o presente estudo tem como **objetivo geral** analisar a função do futebol de várzea no enfrentamento da desigualdade social a partir das experiências individuais e coletivas vivenciadas pelos jovens ao aderirem aos times de várzea. E como **objetivo específico** busca-se: I) compreender os sentidos que o futebol de várzea tem para os jovens periféricos e II) analisar como as significações dos participantes atuam no enfrentamento das desigualdades estruturais presentes no território em que vivem.

2. O FUTEBOL E O FUTEBOL DE VÁRZEA: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

As origens do futebol no Brasil datam o início do século XIX quando o esporte de origem inglesa e operária chegou ao país por meio da elite que buscava cada vez mais se aproximar da modernidade e concepções europeias, Mário Filho (1964) resume o início do esporte como algo importado e branco. Em seus primeiros anos, o futebol se manteve com uma perspectiva amadora e romântica, ou seja, era uma alternativa de lazer para as elites, com clima de festa após os jogos e cordialidade entre os jogadores (Guterman, 2010). Dessa maneira, os clubes de futebol da época estavam centrados nos clubes esportivos privados já existentes, como, por exemplo, o São Paulo Athletic Club, clube de Charles Miller, considerado o responsável por trazer o futebol e as suas regras inglesas para o Brasil (Guterman, 2010) e, em sua volta, ficavam os operários e os negros, impedidos de participar. Assim, estabeleceu-se uma divisão “quem nascia no morro jogava no time do morro e quem nascia na elite jogava no time da elite, ao povo do morro o máximo que cabia era torcer para o time da elite” (Filho, 1964).

A popularização do esporte aconteceu a partir da criação dos clubes operários, principalmente os trabalhadores de companhias inglesas, que viam no esporte uma maneira de amenizar os movimentos de organização dos operários (Guterman, 2010), Mário Filho (1964) ressalta que mesmo nos times operários, a presença do negro ainda era impedida. Outro fator fundamental para a popularização do esporte no Brasil foi a organização das equipes nas margens dos rios das cidades, nesse espaço formaram-se equipes de imigrantes pobres, trabalhadores brasileiros e, entre eles, a população negra recém-liberta, para praticar futebol (Silva, 2022). Para a autora, o futebol praticado nas várzeas dos rios era visto pela elite com sentido negativo, visto que as práticas exercidas por essa população eram consideradas perigosas, sujas e ruins, destoantes da modernidade pretendida e inspirada na cultura europeia.

A presença da população negra nas partidas foi um tema controverso na história do futebol brasileiro por muito tempo, pois por anos os negros foram impedidos de atuar nos clubes e ligas de futebol, poucos jogadores negros romperam essa barreira, sempre com muito custo, Mário Filho (1964), lembra de Carlos Alberto, que usava pó de arroz para embranquecer, e Friedenreich, que alisava o seu cabelo afro antes dos jogos., dessa forma, os jogadores negros só eram aceitos — com inúmeras controvérsias — caso fossem muito habilidosos ou tivessem origem em famílias da elite. Apesar de alguns lampejos de

mudanças, como o Brasil campeão em 1919 do Sul-Americano com um gol de Friedenreich e o surgimento de mais equipes operárias e negras, como o Corinthians em 1910, esse cenário racista se manteve até meados de 1923, quando o Vasco da Gama, subiu para a principal liga de futebol do Rio de Janeiro com um time predominantemente preto e foi campeão, com isso não era mais possível ignorar que

não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time os times de brancos não tinha podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família. O estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor (Filho, 1964 p. 128)

O autor ressalta que a elite tentou resistir quanto pode para manter as características aristocráticas do futebol, um dos mecanismos usados foi adiar a profissionalização do esporte, pois assim só poderiam se dedicar à prática do futebol aqueles que não precisavam de um trabalho remunerado para sobreviver (Filho, 1964). A década de 1930 foi marcada com a consolidação do futebol como um símbolo nacional, inclusive com o investimento do presidente Getúlio Vargas na seleção brasileira de futebol para essa consolidação coletiva, o presidente apostava no grande potencial de mobilização do futebol, que se tornou a paixão nacional. Foi o interesse de Vargas no esporte que permitiu o início de sua profissionalização, em 1933, o que formou uma nova era para o futebol, assim como deu para as classes pobres e pretas uma nova possibilidade de ascensão (Guterman, 2010).

No entanto, mesmo com a profissionalização do futebol, a prática do esporte não se centralizou somente nos contextos profissionais, o futebol continuou sendo praticado de forma mais popular nas escolas, entre amigos e nas várzeas das cidades. Ressaltamos que o futebol amador das várzeas, por anos, sofreu com a estigmatização e o preconceito, especialmente por parte da imprensa brasileira, que ou o ignorava, ou então preferia focalizar em aspectos negativos, como confusões ou os improvisos (Damo, 2005; Silva, 2017).

A várzea, apesar de ter quase todos os aspectos do futebol profissional, possui suas próprias características. Entre as características principais está a sua organização em circuitos locais, ou seja, nos próprios bairros e na cidade, e a flexibilidade nos papéis estabelecidos na divisão do trabalho, por exemplo, os times possuem um técnico, no entanto, ele pode assumir mais de uma função, além de, em geral, não treinar a equipe durante a semana (Damo, 2003), o autor também comenta sobre o financiamento baseado em investimentos pessoais, de pequenos empreendedores do bairro ou do poder público (Damo, 2005).

Outra característica relevante da várzea, é que a fundação de um time, em geral, está relacionada com o laço de amizade entre os participantes, que geralmente residem próximos

uns dos outros e mantém vínculos para além do futebol, sendo comum encontrar times com os nomes dos bairros de seus participantes (Beverari, 2009), sendo que os times com maior torcida são aqueles que possuem maior vínculo com a comunidade em que pertencem, aliás, o público da várzea é bem diverso em raça, idade e gênero (Rigo, Jahnecka e Da Silva, 2010). Além disso, outro aspecto importante é a presença das festividades antes e depois das partidas de várzea, com a reunião dos jogadores e torcedores nos bares e arredores dos campos, sendo comum que times diferentes convivam no mesmo espaço e socializem livremente, no futebol varzeano “o jogo nem sempre é o mais importante, pois o “pré” e “pós” jogo dão o tom da sociabilidade presente” (Silva, 2022, p. 114).

Ao longo dos anos ocorreu no cenário varzeano uma importante alteração: o afastamento dos clubes das áreas de várzea da cidade. A falta de reconhecimento e valorização do futebol de várzea como prática esportiva pela sociedade, aliada à urbanização desordenada da cidade e a valorização imobiliária das áreas centrais, fez com que o futebol de várzea, perdesse terreno e se afastasse rumo a periferia da cidade, com os seus praticantes, que levaram a prática esportiva para o novo cenário, dessa vez, a periferia. Como elucidado por Aduino (1999, p.127) “A várzea mudou de lugar, expandiu-se, deixou o centro, foi substituída por prédios e avenidas. Iniciou-se um novo ciclo”.

Nessa nova fase, além dos preconceitos já existentes, o futebol de várzea passou a enfrentar outras dificuldades, como a distância entre os times competidores e a falta espaço para os campos, que nas periferias já perdiam uma de suas principais características: a área alagada dos rios e o campo de terra batida. Dessa forma, “Apesar de manter o mesmo nome, o futebol de várzea muda sua maneira de se relacionar com a cidade e de se organizar enquanto prática social popular” (Hirata, 2005, p. 120), pois perante as novas dificuldades instauradas pela mudança para a periferia da cidade, os times de várzea precisavam de um movimento de reorganização, de modo que

O futebol de várzea foi se configurando, criando regras, formas de organização, campeonatos periódicos, ou seja, por mais que se pareça com o futebol que se profissionalizou, não se trata de uma mera imitação. Antes disso, o futebol de várzea tem suas próprias configurações e não se pretende profissional (Silva, 2022, pág. 113-114).

Nessa nova organização, cada vez mais parecida com o futebol profissional, grandes competições foram criadas, reunindo times de locais diferentes e reunindo grande público. Um dos principais torneios da várzea foi a Copa Kaiser, que surgiu no início dos anos 1990, sendo considerada um sucesso por reunir grandes times da cidade de São Paulo, além de ter o patrocínio da cervejaria Kaiser, um diferencial para a época. No decorrer dos anos, a Copa

Kaiser foi aperfeiçoando a sua organização e investiu também em ações de marketing na mídia, chegou a ter partidas em estádios oficiais, por exemplo, a final de 2012 foi no estádio do Pacaembu, essas alterações traziam status para as equipes que jogavam a competição. Para corresponder às novas competições, que não ficavam restritas a Copa Kaiser, muitos times buscavam melhorar os seus times e, para isso, passaram a vender produtos (camisas, canecas, etc.) para torcedores e, dessa forma, aumentar a renda para contratar jogadores com mais habilidade (Spaggiari, 2024).

Outra consequência dessas mudanças é a participação de jogadores profissionais, com poucas oportunidades em equipes grandes, ou ex jogadores profissionais, agora aposentados, nas competições de várzea em busca de se manterem ativos no esporte e continuarem com remuneração, todas essas contratações são feitas de maneira informal e, em geral, acordos de curto prazo. Todas essas mudanças, marcam o “fim” do futebol varzeano tradicional e o início da “profissionalização” da várzea, apesar desse termo ainda estar em debate, pois para alguns soa como alarmista, o fato é que a várzea está passando por mudanças, comuns perante a necessidade de atualização da vida cotidiana, que ainda precisam ser significadas pelos participantes (Spaggiari, 2024).

Ressaltamos que essa mudança no cenário varzeano não se deu de forma deslocada do contexto do futebol profissional — e nem do movimento econômico do país. O que vimos no futebol desde a sua profissionalização foi um processo gradual em direção de uma “indústria do futebol”, em que o esporte que surgiu como uma forma de lazer, passou a ser um produto capaz de movimentar muito dinheiro (Simões, 2017). Para a manutenção da indústria do futebol são necessários cada vez mais recursos, com isso os times passaram a vender a transmissão de seus jogos, espaços em suas camisas para publicidade e aumentar a capacidade de seus estádios, além de envolver uma grande parte de profissionais para manter o espetáculo agradável aos olhos do público (Simões, 2017).

Em tempos neoliberais, essas medidas são amplificadas para potencializar a lucratividade dos times, os clubes, por meio da Lei Pelé (1998), são obrigados a se tornarem empresas. Também ocorrem as reformas e modernização dos estádios, processo conhecido como “arenização³”, que promove a gentrificação do espaço, ao deixar os ingressos mais caros e inacessíveis à população pobre. Além disso, os torcedores passaram a ser

³ Segundo Rocco Jr., Mazzei e Oliveira (2015), às arenas — que surgiram no Brasil na década de 2010 como solicitação da FIFA para sediar a Copa do Mundo de 2014 — são estádios de futebol aptos para receber grandes eventos e espetáculos não relacionados ao esporte, para isso são mais seguras e confortáveis, porém com menor capacidade de público (quando comparadas aos grandes estádios construídos na década de 60-80) e ingressos mais caros. São exemplos o Allianz Parque (estádio do Palmeiras, inaugurado em 2014), o novo Maracanã (reinaugurado em 2013, após grande reforma) e a Arena do Grêmio (inaugurado em 2014).

“sócios-torcedores”, sendo oferecidos a eles planos com vantagens ou prioridades na compra dos ingressos, ou seja, os torcedores passaram a ser clientes dos times. Dessa maneira, o futebol, enquanto uma indústria, passou a afastar parte do seu público, especialmente aqueles que não tinham condições para serem clientes (Simões, 2017).

Diante da crescente neoliberal, é esperado que várzea também seja influenciada por esse movimento econômico, entretanto, destacamos que, mesmo com as recentes alterações do futebol varzeano, ele ainda é um cenário de resistência no mundo do futebol. Pois, o futebol de várzea consegue levar para as periferias, marginalizadas e excluídas, o acesso democrático a formas de lazer como os jogos e festividades promovidos pelos times. Segundo Silva (2022, p.112)

A barbárie em que vivem as populações periféricas faz com que os direitos ao esporte e ao lazer sejam considerados em segundo plano, ou menos importantes frente às necessidades básicas de sobrevivência. Entretanto, a organização do futebol de várzea abre uma fissura nesse entendimento e, mesmo que de forma precária, aponta para essa necessidade.

Dessa maneira, o futebol de várzea é uma forma de resistência perante o crescimento do futebol moderno — ainda que tenha sido atravessado pela lógica neoliberal — cada vez mais elitizado com o aumento das arenas, mas também é uma importante organização social de resistência ao promover para essa população direitos sociais, constantemente esquecidos. Portanto, “voltar-se ao futebol de várzea é de extrema importância [...] como também vislumbrar que esse futebol se constituiu como possibilidade de espaços de sociabilidade democráticos e inclusivos” (Silva, 2022, p. 119).

2.1. O FUTEBOL COMO MOVIMENTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Maria da Glória Gohn, define que os movimentos sociais são ações sociais coletivas, sociopolíticas e culturais que viabilizam a organização da população para expressar suas demandas, para isso, podem adotar ações de pressão concretas, como mobilizações, passeatas e outras, ou ações indiretas (Gohn, 2011). A autora, em consonância com Touraine, afirma que os movimentos são o coração da sociedade, ao canalizarem as energias e potências em práticas, sendo que as práticas resultam em novas experiências e inovações socioculturais, que se recriam no cotidiano.

Para a autora, os movimentos fazem diagnósticos da realidade social e constroem ações coletivas de resistência (Gohn, 2011). Ao recorrermos à história do Brasil, podemos perceber que os movimentos sociais são um reflexo do contexto sociopolítico e cultural de sua época. Entre as décadas de 1970 e 1980 cresceram o número de movimentos organizados contra a ditadura militar, especialmente através do movimento estudantil e sindicalista, que

buscavam tensionar o sujeito histórico, a exclusão social, a cidadania, entre outros. A partir do final dos anos 1980, crescem os movimentos identitários, que diante do reconhecimento dos direitos sociais conquistados pela constituição de 1988, buscavam reivindicações por meio de projetos e programas sociais mais focalizados.

A partir da década de 1990 e durante o início dos anos 2000, fica evidente que o tom predominante das reivindicações populares no Brasil passam a ser sobre a diversidade, a identidade cultural e o respeito às diferenças. Assim, tornam-se movimentos que buscam representações simbólicas de afirmação de suas identidades (Gohn, 2014), essa análise corrobora com a afirmação do sociólogo Touraine (2006), de que nas sociedades pós-industriais, as formas de dominação ultrapassam o campo do social, sendo um domínio ideológico, que busca subjugar a identidade dos sujeitos, invadindo sua liberdade e autonomia, sendo uma dominação simbólica. Dessa forma, os movimentos de reafirmação de identidade, possibilitam que os seus participantes experimentem sentimentos de pertencimento e inclusão, criando sujeitos sociais (Gohn, 2011).

Para Gohn, a caracterização de um movimento social inclui ter uma identidade, ter um opositor e ter como referência um projeto de sociedade, também buscam conscientizar a sociedade e apresentam práticas que tensionam o sistema vigente. Um adendo relevante para a caracterização dos movimentos sociais é que eles não precisam necessariamente agir somente pela necessidade, mas também podem se desenvolver a partir da reflexão sobre a experiência de um grupo. A autora também destaca que durante o início dos anos 2000, os movimentos tiveram que se readequar diante do crescimento das ONGs e do terceiro setor, para isso, suas práticas passaram a ser mais propositivas do que críticas. A consequência disso é a diminuição da mobilização política nas ruas e o crescimento de ações pontuais com a população vulnerável, mas que, de maneira geral, os movimentos buscam um ideal civilizatório, com a justiça social, a solidariedade e a soberania dos grupos historicamente marginalizados (Gohn, 2011).

Nos movimentos sociais da atualidade, Gohn (2010) descreve 13 eixos temáticos pelos quais a sociedade se organiza em busca de reivindicações, como os movimentos urbanos, os movimentos de saúde, os movimentos sindicais, os movimentos dos sem-teto, entre outros. Além disso, ela estabelece a importância dos movimentos sociais como uma forma de educação não formal, pois suas práticas são voltadas para a construção da cidadania. Para a autora, a aprendizagem em um movimento social é múltipla e pode ser tanto coletiva, quanto individual, ela destaca a aprendizagem de se organizar e participar, de conhecer novos conceitos, a aprendizagem política ao conhecer seus direitos, a aprendizagem cultural

mediante a construção de uma identidade grupal, a aprendizagem reflexiva, a aprendizagem ética centrada em valores comuns, como a solidariedade, entre outras formas de aprendizagem (Gohn, 2011).

Bauler (2004), ao analisar a prática do futebol de várzea nas comunidades, considera que ele pode possibilitar momentos de pertencimento com o território, os aspectos que a autora elenca como facilitadores para a construção do pertencimento são a convivência entre os moradores nas partidas e nas festividades, a reunião para organizar os campeonatos e as experiências em comum com o futebol. Dessa maneira, para Bauler, o futebol na comunidade pode apresentar um modo coletivo de vivenciar o espaço, resultando em sua apropriação que, conseqüentemente, resulta na construção da identidade da comunidade a partir do interesse comum no futebol. Além disso, a inclusão do futebol no cotidiano da comunidade, como os jogos, as reuniões e festas, formam redes de sociabilidade, com capacidade de estabelecer entre os moradores vínculos de amizade e ajuda mútua (Bauler, 2004).

Dessa forma, ao articularmos a caracterização dos movimentos sociais de Gohn (2011) com as características do futebol de várzea, propostas por Damo (2003; 2005), Beverari (2009), Rigo, Jahnecka e Da Silva (2010) e Silva (2022), e os achados de Bauler (2004), podemos considerar que o futebol de várzea representa uma forma contemporânea de movimento social. Isso se justifica, pois ele não só constitui uma identidade para a comunidade, mas também gera tensionamento com o neoliberalismo, ao se apresentar como um espaço de resistência e reafirmação do coletivo por meio de redes de solidariedade, impulsionadas pelos espaços de convivência e festividade. Além disso, possibilita a reflexão sobre as próprias experiências dos seus membros e, finalmente, contribui para a sua educação de maneira não formal, promovendo a construção da cidadania.

3. A FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL E O PROCESSO DE EXCLUSÃO

Jessé Souza (2025), afirma que para criticar e compreender o Brasil de hoje, na esfera política, econômica e simbólica, é necessário desconstruir o culturalismo racista conservador, de maneira crítica. Com esse objetivo, primeiramente, é necessário considerar a constituição do Brasil enquanto nação moderna, demarcando sua condição colonial de base escravista e extrativista (Farias, 2024) e, portanto, racista, visto que a ideologia do colonialismo é fundamentada na literatura racista que inferioriza a população negra (Moura, 2023). Segundo Farias, Clóvis Moura, em suas obras, ressalta que a formação da nação brasileira é estritamente relacionada com a história do negro no Brasil, uma vez que foi esse povo, sob condição de dominação e escravização, que sustentou, através do trabalho e sofrimento, a consolidação do Brasil enquanto nação (Farias, 2024).

No livro “Sociologia do Negro Brasileiro” (1988), Moura ressalta que a escravidão negra, surge a partir do interesse comercial dos países colonizadores, que precisavam ampliar o mercantilismo e, dessa maneira, foi fundamental para o desenvolvimento da economia dos países europeus e do próprio capitalismo. No Brasil, a condição colonial de base escravista imposta por Portugal, foi fundamental para constituir a economia dependente do país, que segue até hoje, localizando o Brasil na periferia do capitalismo global (Farias, 2024).

A principal crítica de Moura apresentada na obra é a representação feita pelos intelectuais acerca da população negra, com certa indiferença pela situação social do negro, retratando-os de maneira folclórica ou passiva (Moura, 1988 apud Farias, 2024). Dessa maneira, o autor ressalta que, diferente do que foi formulado pelos intelectuais brasileiros, a população negra sempre se manteve como força opositora ao regime colonial, sendo um exemplo disso a constituição do Quilombo dos Palmares⁴, como local de resistência e tensionamento à dominação enfrentada, reconhecendo-o como a primeira mobilização social de luta de classes do país (Moura, 1988 apud Farias, 2024).

Para Florestan Fernandes (1981), a sociedade de classes é definida pela estratificação da população a partir do processo de concentração social da riqueza e do poder, em que um grupo é privilegiado e o outro é submetido a condições de vida inferiores. Para o autor, essa divisão se consolida em lugares onde o capitalismo avançou de forma satisfatória, ou seja,

⁴ O Quilombo dos Palmares é reconhecido como o mais extenso e duradouro assentamento de fugitivos da escravidão no Brasil, sendo fundamental para o movimento de resistência da população negra. O Quilombo de Palmares estava localizado na Serra da Barriga - Alagoas, entre os séculos XVII e XVIII. O líder mais conhecido do Quilombo é Zumbi, seu último rei, a sua morte tornou-se o Dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), devido a sua importância para o movimento negro brasileiro (Lara, 2021; Silvério, 2003).

onde a propriedade privada e o modo de produção têm o poder de organizar a sociedade devido ao seu estreitamento com o Estado (1981).

No contexto latino-americano, o autor ressalta que a produção do capitalismo e da sociedade de classes são externos à população, ou seja, que foram processos impostos ao território durante a colonização europeia. Como consequência, o capitalismo não se realiza plenamente e a relação de classes possui características e dinâmicas distintas das conhecidas nos países europeus, por exemplo. O modo como a sociedade se organizou na América Latina faz com que as contradições entre as classes sejam amortecidas e, por consequência, o tensionamento da ordem vigente também é atenuado, resultando na hegemonia das classes dominantes (Fernandes, 1981).

Em “A Revolução Burguesa no Brasil” (1976), Florestan considera que para a existência de uma revolução burguesa é necessário que antes ocorra uma ruptura com a dominação colonial, pois enquanto a dominação externa é vigente, o capitalismo central continuará influenciando nos processos dos países dependentes. Com a permanência do capitalismo dependente, e a lógica de dominação imperialista, o que acontece no Brasil é um fenômeno complexo de associação racional entre o desenvolvimento capitalista e a autocracia, ou seja, a noção de democracia burguesa é redefinida e fica restrita às classes dominantes, sendo portanto, uma autocracia burguesa, forma pela qual a burguesia adota práticas de modernização sem incluir de forma democrática o restante da população (Fernandes, 1976).

Dessa forma, para atender a esses interesses, o que acontece concretamente são ações que perpetuam formas de trabalho sub capitalistas e de desvalorização do trabalho assalariado, bem como a intensificação das funções políticas, dominadas pela burguesia, para auto defender sua posição e continuar reprimindo as classes dominadas. Assim, a revolução burguesa na periferia do capitalismo é um fenômeno político de consolidação e preservação das estruturas de poder dos países colonialistas, sendo, portanto, uma revolução frustrada, visto que mantém a ordem vigente no campo econômico, social e político para favorecer os seus interesses privados (Fernandes, 1976).

Um dos mecanismos utilizados pela burguesia para a consolidação de seu poder foi a abolição da escravatura sem a inclusão dos negros recém-libertos no sistema produtivo, as consequências disso foram a formação de uma mão de obra barata e a adaptação do racismo para o novo contexto econômico (Fernandes, 1976). As obras de Clóvis Moura dialogam com essa ideia e ainda complementam ao afirmar que a representação racista que temos da população negra na atualidade advém justamente da maneira como a escravidão foi posta no

país — negando a existência do negro enquanto indivíduo e impedindo a sua subjetivação —, bem como pela forma que ela foi encerrada, isto é, a partir do processo externo de abolição. Ainda que os tensionamentos e a resistência da população negra não tenham deixado outra escolha à monarquia, ela foi apenas substituída pelo trabalho assalariado com o mesmo padrão de exploração (Farias, 2024). Dessa maneira, Farias (2024), destaca que mesmo com o fim da escravidão, mecanismos políticos e sociais foram criados para barrar a inclusão dos ex-escravos no sistema produtivo, como a repressão social, a patologização de sua rebeldia e a disseminação de uma suposta incapacidade de trabalhar de maneira assalariada, o que acarretou a exclusão e a marginalização da população negra.

O processo sociopolítico e econômico de exclusão e reprodução do racismo resultou no conceito de Cidadania Mutilada, formulado por Milton Santos (1996). O autor define que a cidadania é a capacidade de exercer e reivindicar seus direitos, no entanto, no Brasil a cidadania é incompleta, pois, a classe média brasileira, em nome de seus privilégios, renuncia a ter direitos e, ainda, impedem que os outros tenham direitos, no que Florestan denominou autocracia burguesa (Santos, 1996; Florestan, 1976). Assim, no cotidiano brasileiro, a população negra tem sua cidadania exercida de forma incompleta e, por isso, mutilada, uma vez estigmas e preconceitos de origem racistas atravessam as relações sociais da população (Santos, 2000).

No artigo “Ser negro no Brasil hoje” (2000), Santos afirma que, apesar da constante tentativa burguesa de negar a existência do racismo e da discriminação, não é possível ignorar a realidade concreta de diferenças sociais econômicas, que são estruturais e se acumulam há séculos. Além disso, o autor também destaca em seus textos, o aspecto simbólico do racismo, ao afirmar que ser negro no Brasil é conviver com olhares enviesados, sendo constantemente colocado em um lugar predeterminado de inferioridade (Santos, 2000). O autor elenca diversas situações que já vivenciou enquanto homem negro no Brasil, para exemplificar como a sua experiência enquanto cidadão é mutilada, ele coloca a negação de oportunidades, a diferença na remuneração, a localização de moradia e circulação pela cidade entravada, entre outros (Santos, 1996). Ainda, o autor aposta na resistência da população negra em ser colocado no “gueto” e na sua capacidade de organização coletiva, que pode atuar tensionando as estruturas de poder, econômicas, políticas e culturais, como formas de buscar a totalidade da cidadania e não mais aceitar a sua versão mutilada (Santos, 1996).

Nesse contexto de formação do Brasil enquanto nação, pautado na escravidão e na manutenção do racismo e dos privilégios das classes burguesas, as periferias surgem como espaço onde as consequências desse processo sócio-histórico são mais visíveis, uma vez que

a população negra que foi excluída dos processos produtivos, se concentrou em cortiços extintos no processo de higienização dos centros urbanos, assim, a população negra passou a habitar os locais mais distantes do centro (D’Andrea, 2013). Almeida, D’Andrea e Lucca (2008), definem como “situações periféricas”, o contexto social em que há acesso precário a condições materiais e simbólicas, D’Andrea (2013) ressalta que o objetivo da elaboração do conceito não é homogeneizar as periferias, mas sim compreender que as múltiplas expressões de experiências que existem possuem uma origem sócio-histórica comum. O termo escolhido pelos autores é “*periféricos*”, pois o espaço social está localizado em posição inferior e distante aos centros de produção e reprodução de condições melhores, ou seja, com maior valor social, assim, o espaço físico da periferia é expressão da realidade social estruturada pela desigualdade social e pela pobreza urbana (Almeida, D’Andrea e Lucca, 2008).

D’Andrea (2020), faz um retrospecto das últimas quatro décadas da periferia brasileira, ela categoriza a década de 1980 como a ascensão da mobilização popular, a década de 1990 como marcada pelo aumento da pobreza devido ao neoliberalismo e os anos 2000 como uma renovação nos movimentos populares com a eleição de Lula, mas que gradualmente perdeu espaço para o conservadorismo. Entre os movimentos sociais, o movimento periférico, especificamente, surgiu entre os anos 1990 na cidade de São Paulo, sendo um legado dos movimentos dos anos 1980, mas com influências próprias da época.

Uma das reivindicações do movimento periférico é a visibilidade do termo e a sua ressignificação para algo positivo, diferente do que era conceituado pelos intelectuais até então, que focalizavam somente na pobreza, precariedade e distância da periferia em relação ao centro (D’Andrea, 2020). O que fez com que os moradores da periferia de fato se apropriarem do termo “*periferia*” foi a popularização do movimento Hip-Hop, na década de 1990, representada pela ascensão do grupo Racionais MC, o reconhecimento externo de um movimento cultural da periferia que fazia questão de explicitar a vivência real dos moradores ressignificou a relação com o termo (D’Andrea, 2020). Nos anos 2000, a indústria do entretenimento passou a se apropriar do termo e da estética da periferia, o que se seguiu até o aumento do conservadorismo (D’Andrea, 2020).

A elaboração do conceito *periferia* pelos movimentos periféricos envolve três objetivos principais: a denúncia das condições sociais, a unificação da “quebrada” e a pacificação dos territórios. Segundo o autor, a afirmação de uma *periferia*

colocou sob o mesmo guarda-chuva uma parcela da população que, mesmo tendo diferenças internas, se unificava por uma necessidade de pacificação dos territórios e contra alguns antagonistas comuns, expressos em classificações como elites, burguesia, polícia, boys, patricinhas ou bairros ricos” (D’Andrea, 2020, p.23)

Esse processo resulta na formação de uma *consciência periférica*, compreendendo a posição social na sociedade urbana, o pertencimento do local, a criação de códigos compartilhados a partir das experiências em comum e outras manifestações. Desse modo, afirmar-se através da pobreza e da violência da periferia, fazia o movimento de denunciar os fenômenos, mas, ao mesmo tempo, buscar superá-los (D’Andrea, 2020). Para isso são resgatadas as potências e as lutas da periferia, que já aconteciam, mas são amplificadas a partir do momento que a consciência periférica se estabelece entre os moradores (D’Andrea, 2020).

D’Andrea (2013), em sua tese, conceitua “*sujeitos periféricos*”, dando ênfase na subjetividade que constitui o fato de *ser periférico* e que pode ser verificada a partir da ação política de mudar a forma como se posicionam no mundo enquanto sujeito/pessoa. Ainda, o autor afirma que nem todo periférico é um sujeito periférico, pois, para ser assim definido é necessário assumir a sua condição de periférico, ter orgulho da sua condição e agir politicamente a partir dessa condição (D’Andrea, 2013).

Assumir a condição de periférico envolve perceber por meio da experiência comum e transformar isso como parte de sua subjetividade, *sentir-se periférico* é assumir essa condição, sendo diferente de apenas se perceber enquanto um mero morador da periferia. O orgulho pela condição de periférico envolve a superação do estigma e aquisição do orgulho das características que envolvem *ser periférico*, como a coletividade, a potência criativa e as habilidades adquiridas. Já a práxis política diante da condição exige por fim a passividade e o assujeitamento da condição, buscando superar as condições estruturantes da sociedade (D’Andrea, 2013). Segundo o autor, “o *sujeito periférico* existe na realidade social. Sua maior expressão se encontra nas ações políticas dos movimentos sociais populares e na ação política dos coletivos artísticos da periferia” (2013, p.175)

Pensando na afirmação de D’Andrea, os autores Almeida e Jesus (2021) articulam a importância das produções artístico-culturais nas periferias como uma forma de mobilização e expressão de uma identidade comunitária, além de possibilitar emprego e renda para a população. Nos últimos anos a cultura periférica vêm chamando a atenção da mídia e da indústria cultural devido a sua capacidade de expressar a vida e os dilemas das cidades. O crescimento da cultura periférica dos últimos anos resultou no investimento do estado por meio de políticas públicas e no desenvolvimento da noção de “cidadania cultural”, por meio do acesso à cultura, da participação cidadã e da afirmação de uma identidade comum causada pela condição sócio-histórica (Almeida e Jesus, 2021).

Os autores ressaltam que a cultura periférica sempre existiu, mas a possibilidade de financiamento governamental das produções amplificou sua potência e possibilitou a articulação política que se seguiu nos anos 2010 e foi enfraquecida com o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. Outro golpe para o setor cultural periférico foi a pandemia do CoronaVírus em 2020, que desmobilizou boa parte dos movimentos culturais devido ao isolamento social e o fim dos encontros presenciais. Os autores, porém, ressaltam o importante papel de mobilização e articulação local que alguns movimentos culturais fizeram nessa época ao arrecadar e distribuir cestas básicas, por exemplo (Almeida e Jesus, 2021).

Articulando os pensamentos explicitados acima como o de Clóvis Moura, Florestan Fernandes, Milton Santos e Tiaraju D'Andrea, percebe-se que a manutenção do racismo na sociedade brasileira é um fenômeno complexo e multifacetado. Desde a base escravista que moldou a economia e a sociedade, passando pela autocracia burguesa que perpetuou as desigualdades, até a cidadania mutilada que nega direitos e oportunidades, o racismo continua a ser um pilar da estrutura social brasileira. No entanto, a periferia, com seus *sujeitos periféricos*, conforme proposto do D'Andrea emerge como um espaço de resistência e construção de novas formas de vida e de luta, onde a solidariedade e a organização coletiva se tornam ferramentas essenciais para o enfrentamento das desigualdades e a busca por uma cidadania plena e inclusiva, destacando o papel da cultura e dos movimentos culturais periféricos nessas transformações.

4. IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E EMANCIPAÇÃO

Antes de iniciarmos a discussão sobre a categoria identidade, proposta por Antonio Ciampa, se faz necessário uma breve introdução acerca da perspectiva sócio-histórica da psicologia. Quando Silvia Lane propôs uma nova concepção de homem, ela o fez baseada no materialismo histórico e dialético. Materialista, pois considera a transformação material que o homem faz no mundo pelo trabalho, histórica porque reconhece a atuação do sujeito na produção da sociedade e é dialética, pois entende o papel da contradição e do movimento (Gonçalves e Bock, 2018). Outra consideração relevante, que surge a partir da noção da dialética, é a de que o sujeito se constitui na relação com o outro e, com isso, ambos se transformam, dessa forma “O indivíduo constitui-se como tal na sociedade, e a sociedade deve ser pensada na sua constituição histórica a partir da ação dos indivíduos” (Gonçalves e Bock, 2018, sp.).

Considerando essa base epistemológica, Ciampa contribui para formulação da psicologia sócio-histórica com a reflexão sobre identidade, o autor inicia sua publicação afirmando que cada indivíduo se apropria das relações sociais que estabelece, configurando, dessa forma, uma identidade pessoal, sendo que é o conjunto de identidades que constituem a sociedade, numa relação dialética (Ciampa, 1987). O autor continua, afirmando que mesmo que num primeiro momento a identidade pareça algo estática, ela é na realidade metamorfose, a identidade se revela por meio de representações, dando o exemplo do nosso nome que, apesar de parecer ser nossa identidade, visto que é algo que nos identifica na sociedade, é somente uma representação dela e não a identidade em si (Ciampa, 1987).

No cotidiano, fazemos representações da nossa identidade através de substantivos que indicam uma atividade, nesse processo, a atividade é interiorizada e coisificada, formando um personagem que nos representa, sendo nós os atores e autores. Ciampa considera que podemos ter vários personagens no mundo, a depender da relação que temos com o outro, dessa forma, a identidade é o que o indivíduo faz enquanto se relaciona com o mundo. Ressalta-se que a questão da atividade é relevante na formulação, pois ao ser uma atividade, considera-se que a identidade é material e, justamente por ser material, ela é capaz de transformar-se, ou seja, ser metamorfose (Ciampa, 1987).

Entretanto, em alguns casos o indivíduo possui dificuldade para mudar, isso pode ocorrer quando a subjetividade (que se expressa pelo desejo de ser), não se concretiza na objetividade (identidade), subjetividade e objetividade devem ser uma unidade e quando não são ocorre o que Ciampa chamou de fetichismo da personagem e uma identidade-mito,

resultando na mesmice, uma repetição da identidade. O autor ainda compreende que existe uma identidade pressuposta, que nos é posta antes mesmo de nascermos por meio de expectativas sociais que não historicamente constituídas, essas expectativas estão relacionadas com a nossa posição social no mundo e as relações que temos, por exemplo, a relação familiar e nossa classe social. Entretanto, ele afirma que são os nossos comportamentos que concretizam a identidade, ou seja, é através das nossas ações no mundo que re-atualizamos a identidade pressuposta, é essa re-posição que sustenta a mesmice (Ciampa, 1987).

A consciência se apresenta aqui como categoria fundamental, pois quando o sujeito deixa de ver a si mesmo como algo externo, ele pode compreender as determinações que estão postas e assim, ter consciência para-si. A consciência para-si permite que o sujeito possa atuar sobre as determinações e assim determinar a si próprio, possibilitando a metamorfose, isto é, a presença de novos personagens de si mesmo. Quando admitimos novos personagens podemos expressar uma nova maneira de ser, superando a identidade pressuposta em uma mudança qualitativa (Ciampa, 1987). Enquanto atores de nossa própria identidade, Ciampa afirma que estamos sempre em busca de novos personagens, mas quando isso não é possível, o ator caminha para a morte, biológica ou simbólica, quando assume uma personagem quase que moribunda (Ciampa, 1987).

Lima (2010), considera que o desenvolvimento da identidade passa por uma sequência de formas de reconhecimento, pois é pelo reconhecimento do outro que a metamorfose ganha sentido para o sujeito, dessa forma o reconhecimento do outro é condição constitutiva da identidade. Dessa maneira, quando o reconhecimento é ausente ou feito de forma negativa, ou desumana, os indivíduos se mantêm na mesmice, impedindo a concretização da identidade e a emancipação (Lima, 2010).

A emancipação é considerada por Almeida (2017), em diálogo com Ciampa, como a superação de situações sociais e pessoais intoleráveis, como os fenômenos de dominação, violência, exploração e alienação, presentes no mundo capitalista. A emancipação, envolve a articulação entre os sujeitos, para a construção de novos sentidos para a própria existência através da práxis de libertação, assim, a emancipação implica em mudanças no modo de ser e nas condições da sociedade, sendo um processo, ressaltamos ainda, que é um processo coletivo. Na realidade social, a emancipação é representada quando o sujeito, ou o grupo ao qual ele pertence, conseguem ter liberdade e autonomia, além do acesso a direitos e cidadania (Almeida, 2017).

Em 2002, como complemento a sua tese original, Ciampa define a identidade política, sendo a identidade que o sujeito assume quando, em grupo, passa a ter uma identificação política, um espaço para buscar autonomia. A identidade política é um contraponto às políticas de identidade que, de acordo com Goffman (apud Ciampa, 2002), são características pressupostas e impostas a determinado grupo, causando estigma. Assim, a identidade política acontece a partir da luta por emancipação, em uma ação coletiva que revela as opressões sofridas e rompe com os estigmas causados pela política de identidade e, por consequência, rompe com a mesmice (Ciampa, 2002).

A partir do que foi exposto, é possível compreender que as condições sociais concretas influenciam na constituição da identidade e no seu processo de metamorfose. Assim, os espaços sociais, as relações de poder e os modos de reconhecimento presentes na vida cotidiana interferem diretamente na constituição das identidades. Bader Sawaia (1995), ao discutir a segregação urbana, contribui para essa compreensão ao explicitar como o espaço e as vivências afetivas nos territórios produzem modos específicos de ser e de sentir-se no mundo. Dessa maneira, a autora expõe que a segregação urbana não é somente um fenômeno espacial, mas também é simbólico e subjetivo, ao determinar quem pode pertencer à sociedade e quem deve ser excluído dela. Contudo, a autora também aponta que, ao mesmo tempo que um território pode ser excludente, ele também pode ser lugar para a identificação entre os sujeitos através da sociabilidade, que alimentam a “potência de ação” e o “calor humano” (Sawaia, 1995). Desse modo, o espaço segregado pode também tornar-se um lugar de resistência e criação de laços, onde os sujeitos reafirmam sua identidade e, por consequência, sua humanidade.

Portanto, o pensamento da autora dialoga com a formulação de Ciampa (1987) evidenciando que as expectativas sociais e as políticas de identidades, aqui mediadas pela segregação urbana, refletem em uma identidade pressuposta para o sujeito. A autora ainda complementa afirmando que as redes de sociabilidade e identificação que podem acontecer no território podem contribuir com a potência de ação, da mesma forma que Ciampa (2002) aposta na constituição de uma identidade política, construída coletivamente, para a emancipação dos sujeitos oprimidos.

4.1. JOGADOR ENQUANTO UMA IDENTIDADE

Ciampa, Leme e Souza (2010), consideram que o esporte tem potencial para possibilitar a emancipação e autonomia dos sujeitos, pois, a partir da interação enquanto grupo, podem ter reconhecimento mútuo e a autoafirmação de suas identidades pessoais. Os

autores dão destaque para o futebol, pois no Brasil, a paixão pela bola está amplamente posta na cultura, é alimentada pela mídia cotidianamente e, devido a sua simplicidade, está presente nas escolas, praças e nos campos de várzea das periferias. Como resultante dessa intersecção, especialmente pela questão midiática, está a glamourização do futebol e, com isso, a ideia do sucesso profissional e financeiro através da prática esportiva, principalmente entre as crianças mais pobres (Ciampa, Leme e Souza, 2010).

No entanto, Leme (2005 apud Ciampa, Leme e Souza, 2010) destaca que o sucesso como jogador de futebol é limitado a poucos sujeitos e, dessa forma, a grande maioria dos profissionais estão em equipes menores — e por isso com baixa remuneração — ou até mesmo sem clubes, categoria que ele chama de “atletas/identidades excluídas”, devido à falta de reconhecimento social de sua profissão. Para os autores estar nas duas últimas categorias, isto é, não ter reconhecimento de sua comunidade, pode ressoar na vida afetiva com sofrimento e sensação de humilhação, que por consequência podem atuar como impeditivos da emancipação social (Ciampa, Leme e Souza, 2010).

Vissoci, Oliveira, Nakashima et al. (2018) buscam elucidar, através das narrativas de atletas de futsal⁵, os momentos durante a trajetória de profissionalização da prática esportiva que se aproximam de um movimento emancipatório e quais caminham para a *mesmice*. Esses efeitos, que se alternam ou até mesmo se sobrepõem durante a trajetória, dependem dos papéis desempenhados pelos atletas e das condições ambientais, como a relação familiar e a condição financeira.

Como momentos que mantêm a *mesmice*, os autores destacam a re-posição da identidade de atleta, quando novos personagens não são considerados pelo jogador e quando o sujeito adequa a sua identidade para as expectativas que se tem de atleta, representando uma política de identidade. Eles destacam que a questão financeira e o desejo pelo grande reconhecimento que o futebol proporciona podem influenciar na re-posição da identidade no caminho da *mesmice*, especialmente quando os jogadores são inseridos no mundo do esporte profissional muito cedo (Vissoci, Oliveira, Nakashima et al., 2018).

Já como momentos emancipatórios, os autores destacam a aceitação pelos pares e o reconhecimento perante a comunidade ao disputar e vencer campeonatos, com narrativa de orgulho do sucesso, quando o atleta mantém projetos de vida para além da prática esportiva, e quando o indivíduo consegue vivências outros personagens (como pai, marido) além do

⁵ Futsal é a nomenclatura popular para o Futebol de Salão, modalidade esportiva que teve origem através da adaptação do futebol para quadras esportivas. Possui regras específicas, mas com formato bem semelhante ao futebol de campo.

personagem-atleta, mantendo a multiplicidade de papéis e não uma identidade-mito. Por fim, eles destacam que a possibilidade de ascensão financeira através da prática esportiva pode se apresentar inicialmente como um elemento emancipatório, mas que no decorrer do tempo, quando não se estabelece uma identidade política, ela pode ser um elemento que sustenta a mesmice, sendo impeditivo para a emancipação (Vissoci, Oliveira, Nakashima et al., 2018).

Para os autores, a identidade política para os atletas acontece quando ele se apropria das características do contexto esportivo, ou seja, quando ele compreende das determinações envolvidas no esporte e, diante disso, reconhece a sua atividade como um trabalho. Dessa forma, ser jogador é uma parte de seu projeto de vida em direção do bem viver, isto é, ser jogador um dos personagens possíveis da composição da sua identidade (Vissoci, Oliveira, Nakashima et al., 2018).

Dessa maneira, Ciampa, Leme e Souza (2010) compreendem que a identidade do atleta de futebol é marcada por constantes metamorfoses, relacionadas com a necessidade de conquistar espaço, se reafirmar enquanto atleta e ser reconhecido socialmente. No entanto, quando as metamorfoses se direcionam para uma identidade-mito, as potencialidades do esporte enquanto espaço de sociabilidade e reconhecimento e, portanto, espaço emancipatório são diminuídas.

5. MÉTODO

5.1. Delineamento metodológico

Para a realização deste trabalho, cujo objetivo é investigar as experiências individuais e coletivas dos jovens periféricos que jogam em times de várzea e se elas contribuem para o enfrentamento das desigualdades estruturais presentes no território. Para tal, essa pesquisa possui caráter exploratório, de natureza qualitativa (Minayo, Deslandes e Gomes, 2011).

5.2. Participantes

5.2.1. Seleção dos Times

A escolha dos times, aos quais os jogadores devem estar vinculados no período das entrevistas, teve como base inicial os times inscritos na Copa do Busão 23/24 — campeonato de várzea disputado no município de Osasco desde 2015 que na última edição reuniu 40 times de diversos bairros da capital paulista e região metropolitana. A Copa do Busão conta com alta organização desde o seu regulamento, organização das partidas e a transmissão via internet. Além disso, a premiação de um ônibus personalizado para o time campeão e 15 mil reais para o vice, atraem os times da várzea paulista. Outra competição usada como base para a escolha dos times foi a Copa Martins Neto 2024, ela é realizada desde 2014 na capital paulista e se destaca por regionalizar os jogos em sua primeira fase, ocupando, dessa forma, todas as regiões da cidade de São Paulo. No ano de 2024, a competição reuniu em sua fase inicial 128 times da capital paulista e região metropolitana e, assim como a Copa do Busão, conta com alta organização de regulamento, partidas e transmissão online. A premiação, segundo a página oficial da competição no Instagram, é de mais de 220 mil reais, tornando-a relevante no cenário varzeano.

A seleção dos times participantes para o contato inicial, dentre os inscritos nas duas competições, aconteceu primeiramente pela definição do município de Osasco e, depois por meio da análise dos bairros onde os times estão sediados, considerando necessário que eles se encontrem em áreas periféricas e vulneráveis do município. Para essa definição foi utilizado como critério a intersecção de dois levantamentos sobre o território realizados pela prefeitura de Osasco: o Osasco em Números (SEPLAG Osasco, 2019) — que caracterizou a rede de assistência social e fez um diagnóstico da população e suas vulnerabilidades, com base no censo de 2010 — e um estudo sobre a demanda territorial de novo CREAS (SAS Osasco, 2021), que também identificou a vulnerabilidade da população. Essa intersecção foi necessária, pois no momento da formulação do projeto de pesquisa, o novo Censo ainda não havia sido publicado, portanto, consideramos como insuficiente utilizar apenas os dados do

Osasco em Números (SEPLAG, 2019), utilizando os dados de 2020 do Estudo sobre a Demanda de um novo CREAS (SAS Osasco, 2021) para corroborar com os índices estudados. Do primeiro documento, utilizamos o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), apresentado no mapa 4, que indica a vulnerabilidade em cada bairro da cidade, já do segundo documento, utilizamos o levantamento da proporção dos casos de vulnerabilidade social do CadÚnico por distrito, apresentado na página 11 do documento. Os bairros que aparecem como vulneráveis em ambos os estudos, foram considerados aptos para a pesquisa.

Além da localização dos times e a participação na Copa do Busão ou na Copa Martins Neto, foi considerado como critério de inclusão para a pesquisa que os times tivessem um representante que aceitasse assinar o termo de participação, enviado para o Comitê de Ética da PUC-SP. Seguindo os critérios descritos, selecionamos o time Associação Esportiva Novo Osasco (SENO), localizado no bairro Novo Osasco — classificado pelo IPVS com vulnerabilidades alta, média, baixa e muito baixa e pelo estudo sobre vulnerabilidade como o 11º bairro com maior proporção de casos em situação de vulnerabilidade — e o time Favela Futebol Clube (Favela Piratininga), localizado no bairro Piratininga - classificado pelo IPVS com vulnerabilidade muito alta, alta, média e baixa e como o 8º bairro com maior proporção de vulnerabilidade na cidade de Osasco.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, um estudo foi publicado pela Secretária de Assistência Social do município de Osasco acerca da vulnerabilidade social no território, com dados do IBGE de 2022 (Osasco SAS, 2024). Neste documento, analisamos o Índice de Vulnerabilidade Social (p. 100-116), que considera a vulnerabilidade de forma multideterminada e inclui critérios como a presença de crianças e idosos, pessoas com deficiência e raça, além da renda. Com os dados analisados, verificamos que o bairro do Novo Osasco passou a ocupar a 16º posição, com índice de vulnerabilidade igual a 15,87, e o bairro Piratininga passou a ocupar a 11º posição do índice de vulnerabilidade, com 21,79. Mostrando que entre os Censos, a vulnerabilidade de ambos os bairros diminuiu, sendo que o bairro Novo Osasco foi da 11º para a 16º posição, enquanto a do bairro Piratininga mudou da 8º para a 11º posição. Dessa forma, mesmo com a diminuição da vulnerabilidade nos territórios, ambos ainda apresentavam índices de vulnerabilidade relevantes e, portanto, continuam aptos para participar da pesquisa.

Entretanto, durante a aproximação com os jogadores participantes da pesquisa, percebemos que apesar do SENO contemplar os critérios de inclusão, por assinarem o termo de participação e estar localizado em um bairro considerado vulnerável, os jogadores do time

não se enquadraram nos critérios, dessa forma decidimos seguir o presente estudo sem a participação do Time SENO, mantendo somente o Favela Piratininga.

5.2.2. Seleção dos Jogadores

A partir da seleção dos times, cada um ficou responsável por convidar os jogadores que participariam da pesquisa, respeitando os critérios de inclusão descritos. Inicialmente, os critérios de inclusão foram: ter idade entre 18 e 29 anos no momento da entrevista, participar ativamente das atividades do time em que estão vinculados e residir no bairro sede do time ou próximos a ele e não ter a prática do futebol de várzea como principal fonte de renda, considerando o aspecto não profissional, assim como a participação em apenas um time de várzea, garantindo a vinculação com time selecionado.

No entanto, durante essa fase de seleção dos participantes, percebemos tanto pela aproximação com os jogadores, quanto pelas leituras realizadas, uma mudança significativa no cenário varzeano que se dá justamente devido ao aumento da complexidade dos campeonatos e das premiações, com essa alteração, muitos times, motivados pelas altas premiações, contratam de maneira extra oficial jogadores para determinados jogos e, dessa maneira, muitos jovens passaram a ver na várzea uma oportunidade de ascensão financeira, visto que poderiam jogar por diversos times e formar uma renda importante. Dessa forma, para não retirar da presente pesquisa esse movimento recente, que é extremamente relevante para a compreensão do cenário varzeano e a sua relação com a desigualdade social, decidimos por alterar esse critério de inclusão, permitindo a participação de jogadores vinculados em mais de um time e possuem no futebol de várzea sua principal fonte de renda, desde que a residência do mesmo durante a participação da pesquisa seja próximo ao bairro do time selecionado.

Assim, serão considerados critérios de exclusão a não adesão ao time selecionados anteriormente, idade abaixo de 18 anos ou acima de 29 anos e ter residência em bairro diferente ou distante do bairro-sede do time em que participa. Entretanto, mesmo considerando os novos critérios de inclusão e exclusão, percebemos que os jogadores do time Seno não poderiam ser incluídos na pesquisa, pois naquele momento nenhum residia na cidade de Osasco, dessa forma, como já explicitado acima, decidimos pela exclusão do Time Seno, prosseguindo apenas com o time Favela Piratininga.

5.3. Instrumentos

Inicialmente, estavam previstos a formação de dois Grupos de Discussão, um com cada time selecionado para posteriormente compará-los, conforme proposto por Weller (2006) para explorar uma visão coletiva do fenômeno e a observação participante (Mónico, 2017) no cotidiano dos jogos e eventos dos times para aprofundar os dados obtidos nos grupos. No entanto, com a exclusão do time SENO, foi necessário realizar alterações nos instrumentos de coleta de dados, substituindo o Grupo de Discussão para uma entrevista semi-estruturada, conforme proposto por Minayo e Costa (2018), na modalidade coletiva.

A escolha de realizar uma entrevista se deu pela possibilidade de obter informações relacionadas às vivências, ideias, crenças e sentimentos dos participantes, diretamente através das falas dos sujeitos, reconhecendo a importância da linguagem no processo de percepção do mundo, conforme o que foi postulado por Vigotsky (Morato, 2000). Ainda, a escolha pela entrevista em grupo acontece por considerarmos, assim como Minayo e Costa (2018), que essa técnica de investigação reproduz a mesma dinâmica que as relações do grupo social estudado, visto que a entrevista em grupo é

um instrumento privilegiado de troca de informações sobre as pessoas é a possibilidade que a fala tem de ser reveladora de condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor (Minayo, 2015, p.63)

A entrevista semi-estruturada, segundo Minayo e Costa (2018) é caracterizada por articular as técnicas da entrevista fechada e da entrevista aberta, dessa forma, a decisão pela entrevista semi-estruturada se dá pela possibilidade de construir previamente um roteiro, a partir das hipóteses de pesquisa e da bibliografia consultada — assim como nas entrevistas fechadas — mas permitindo que outras temáticas e perguntas sejam exploradas a partir das falas dos participantes, com objetivo de aprofundar o tema central do trabalho — conforme o proposto pelas entrevistas abertas. O roteiro da entrevista está disponível para ser consultado no anexo A.

Já a observação participante, é decidida devido ao pensamento de Malinowski que afirma que existem fenômenos que não podem ser registrados por meio de perguntas ou documentos, mas somente observados em sua realidade concreta (Malinowski, 2005 apud Minayo e Costa, 2018). Assim, ao realizar uma observação participante, o pesquisador consegue observar o conjunto de regras que compõem o grupo social estudado, assim como os sentimentos que permeiam o cotidiano e as relações sociais. Ainda, conforme proposto por

Gold (1958 apud Minayo e Costa, 2018) a observação dessa pesquisa alterou entre *participação como observador*, em que são explicitados o caráter da observação durante o tempo de pesquisa, mas ainda compartilha a vida cotidiana e vivência os acontecimentos e eventos e a *observação como participante*, nesses momentos a observação é mais distante dos sujeitos da pesquisa. A decisão pela observação como participante aconteceu devido à impossibilidade, em alguns momentos, de interagir diretamente com os participantes da entrevista, visto que eles estavam em campo de jogo, sendo restrita a interação com o ambiente e a torcida, o que consideramos adequado para a compreensão de outros aspectos do cenário de várzea.

5.4. Procedimentos

A observação participante aconteceu em dois cenários diferentes, o primeiro aconteceu durante a realização da Festa das Crianças, promovida pelo time em Outubro de 2024 em comemoração do dia das crianças, a presença da pesquisadora se deu por cerca de 2 horas. O segundo cenário de observação é o campo de jogo, acompanhamos o time Favela Piratininga ao longo da 2º divisão do campeonato de várzea de Osasco, entre novembro de 2024 e julho de 2025, os campos onde as partidas eram disputadas mudavam conforme a rodada disputada, no território de Osasco, entretanto, destacamos a final do campeonato, que foi disputada no Estádio Municipal do Rochdale, em Julho de 2024. A observação participante do cotidiano do time contou com o registro em formato de diário de campo, disponibilizado nos anexos B, C, D, E e F.

Já a realização da entrevista aconteceu de forma online, pela plataforma Meets. Ambos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, também disponível em anexo no final deste trabalho e, de próprio punho, confirmaram a preferência por utilizarem os próprios nomes no desenvolvimento dessa pesquisa. A entrevista contou com a presença de dois participantes com 26 anos de idade e um auxiliar da pesquisadora, Lucas Fiore, este último teve a função de auxiliar na gravação dos dados e na anotação dos conteúdos das falas. O encontro durou cerca de 90 minutos e foi gravado por recurso da plataforma Meets, sendo armazenado em um HD externo para posterior transcrição, de forma que viabilize a análise dos dados obtidos.

5.5. Método de Análise

A análise dos dados obtidos foi realizada com base nos núcleos de significação, como proposto por Aguiar e Ozella (2013), que visa compreender os sentidos construídos pelos

sujeitos acerca do tema a partir da linguagem, já que ela realiza a mediação dialética entre mundo interno e externo (Aguiar, Liebesny, Marchesan e Sanchez, 2009, p. 56). Ressalta-se que, de acordo com Leontiev (1992 apud Aguiar, Liebesny, Marchesan e Sanchez, 2009), os sentidos representam a consciência individual do sujeito perante a consciência social, onde estão os significados – estes, sim, cristalizados na prática social da humanidade. Dessa forma, para os autores “com a categoria sentido temos a intenção de permitir sua compreensão, sem descolar o sujeito e sua singularidade dos processos sociais e históricos” (Aguiar, Liebesny, Marchesan e Sanchez, 2009, p.63).

A análise do discurso por meio dos núcleos de significação é importante, pois “a ideia de significação remete à dialética que configura a relação entre sentidos e significados constituídos pelo sujeito frente à realidade na qual atua” (Aguiar, Soares e Machado, 2015, p.59) e, assim, ao analisar como os jovens significam as experiências vividas no futebol de várzea, é

“[...] possível verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e significados, o que possibilitará uma análise mais consistente que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas” (Aguiar e Ozella, 2013, p. 310).

5.6. Aspectos Éticos

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-SP (CAAE: 85057824.1.0000.5482) e todos os participantes assinaram o TCLE concordando com a participação. Ademais, considera-se que a pesquisa envolve o risco mínimo de desconforto ao participante durante a coleta de dados. Mas, caso isso ocorra, o participante terá a liberdade para não responder, interromper a pesquisa, fazer pausas ou cancelar a sua participação a qualquer momento. Tivemos cuidado ao elaborar questões que não expusessem os participantes a constrangimentos. Em todos esses casos o participante não será prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma, caso desista da participação. Consideramos como benefícios imediatos ao participante a possibilidade de refletir sobre a própria vivência como jogador de futebol de várzea e morador de área periférica e como benefício secundário o reconhecimento da atuação do futebol de várzea no enfrentamento do sofrimento causado pelas desigualdades sociais.

6. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Ambos os entrevistados têm 26 anos e nasceram em Osasco, Lucas viveu a vida toda no bairro do Piratininga, mas Bismarck morou parte da infância em Taipas. Os dois entrevistados relatam que a relação com o futebol existe desde pequenos, sendo apaixonados pelo esporte, tentaram se profissionalizar, mas não deu tão certo, então encontraram na várzea uma maneira de continuar jogando, eles jogam atualmente em mais de um time de várzea. Ambos trabalham em outras áreas durante a semana, se dedicando ao futebol durante o final de semana. Enquanto Lucas se declara como um homem preto, Bismarck se autodeclara pardo. Solicitei que escolhessem um pseudônimo, para manter o anonimato da entrevista, sugeri que escolhessem o nome de um ídolo do futebol, conforme Silva (2022), entretanto, os dois preferiram manter o próprio nome para a entrevista, o que respeitei, considerando isso um dado para análise.

Conforme a proposta de Aguiar e Ozella (2013), a análise da entrevista foi realizada a partir dos núcleos de significação. Após a transcrição da entrevista e sua leitura flutuante, os dados foram organizados em pré-indicadores, unidades iniciais de trechos que apresentam concordância com o tema da pesquisa. A partir deles, foram considerados indicadores, que sintetizam os conteúdos formados pelos pré-indicadores (os pré-indicadores e indicadores estão disponibilizados no anexo G). Por fim, para a construção dos núcleos de significação, analisamos as relações entre os indicadores. A seguir, a tabela 1 apresenta os indicadores e os 5 núcleos de significação.

Tabela 1: Indicadores e Núcleos de Identificação

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
<ol style="list-style-type: none">1. O bairro do piratininga2. Amizades no bairro3. Família4. Mobilização na comunidade5. Flamengo Piratininga6. Relação Favela e Flamengo Piratininga	<i>“A comunidade para, né, quando se trata de futebol”</i>
<ol style="list-style-type: none">1. Futebol paixão de infância2. Infância jogando bola3. A tentativa de viver do futebol — A base4. A tentativa de viver do futebol — Como profissional5. Desistir do sonho de ser jogador profissional6. A várzea sempre esteve presente	<i>“A gente já cresce com esse amor, né, com essa identidade dentro da gente”</i>
<ol style="list-style-type: none">1. Na várzea o amor não acabou	<i>“Na várzea, o amor nunca acabou”</i>

<ol style="list-style-type: none"> 2. É necessário treinar para competir 3. As amizades na várzea 4. A modernização da várzea 5. A remuneração na várzea 6. Quero competir e ganhar 7. O reconhecimento por onde passa 8. As conquistas na várzea 	
<ol style="list-style-type: none"> 1. O início do favela piratininga 2. O sentimento de jogar no favela piratininga 3. Os jogadores — a base do time e os novos 	<p><i>“É um time que eu vou levar para o meu coração para todo lugar”</i></p>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Ser periférico 2. Discriminação social 3. Racismo 4. Fora do futebol o reconhecimento é pelo caráter 	<p><i>“Se você ser pobre, favelado e preto, sempre vai ter um preconceito”</i></p>

Fonte: Elaboração própria.

6.1. “A comunidade para, né, quando se trata de futebol”

O núcleo *“A comunidade para, né, quando se trata de futebol”* compreende 6 indicadores, são eles: O bairro Piratininga, amizades no bairro, família, mobilização na comunidade, Flamengo Piratininga e a relação entre Flamengo e Favela Piratininga. Este núcleo sintetiza, através de seus indicadores, a caracterização do bairro Piratininga a partir da visão dos jogadores e como a identidade do bairro é atravessada pela presença dos dois times, que carregam em seus nomes, o nome do Piratininga.

Ao serem perguntados sobre o bairro, ambos os entrevistados relatam que o bairro Piratininga é pequeno e muito tranquilo, relatam que possuem amizades com todos e enfatizam a presença do futebol como fator comum para a maioria do bairro, citando a presença dos dois times de futebol de várzea, “os dois times da comunidade que, se você perguntar, todo mundo conhece, aqui todo mundo gosta desses dois times” (Lucas, 26 anos, Jogador do Favela Piratininga)⁶. O que também é reafirmado pelas observações de campo, especialmente o Anexo E, em que as torcidas do Favela e do Flamengo se uniram no jogo das quartas de final da Liga de Futebol de Osasco.

Apesar do termo usado pelos entrevistados ser “comunidade”, a narrativa apresentada por eles demonstra consonância com o que foi afirmado por D’Andrea (2020) enquanto periferia e consciência *periférica*, visto que compreendem a posição do bairro enquanto

⁶ Todas as falas de Bismarck e Lucas citadas a partir daqui aconteceram na entrevista realizada pela autora com os participantes para esse trabalho. A entrevista aconteceu no formato online, em outubro de 2025.

comunidade e a presença do futebol de várzea, representado pelos dois times, como um código em comum.

Além disso, o futebol de várzea é apresentado pelos entrevistados como uma potência do território e, ainda, como um movimento social e cultural. Social, pois, dentre os critérios estabelecidos por Gohn (2011), os movimentos sociais envolvem a presença de uma identidade, um projeto de sociedade e apresentam práticas de tensionamento, no caso do futebol de várzea, especificamente os dois times aqui citados, demonstram ter identidade e ação de tensionamento a partir da reafirmação de seu território (exemplificados pela escolha de carregarem em seus nomes, o nome do bairro), ressaltamos que a reafirmação do território e a capacidade de organização coletiva, são formas de resistência, segundo Milton Santos (1996) e a reafirmação da identidade, via pertencimento, criam sujeitos sociais (Gonh, 2011) E são considerados movimentos culturais, visto que expressam um modo de vida, no caso o modo de vida periférico (Almeida e Jesus, 2021).

A relação de amizade que os entrevistados relatam se dá, principalmente, pelo interesse que os moradores apresentam dos times nos quais os entrevistados jogam, dessa forma, podemos ver que o futebol de várzea atua aqui como um fator de sociabilidade e reconhecimento. Além disso, a mobilização da comunidade nos dias de jogo, nos momentos anteriores (com a concentração para irem até o campo de ônibus) e durante o jogo (com a unificação das torcidas na arquibancada), conforme presenciado durante os jogos nas quartas de final e na final do campeonato (anexos E e F), até nos momentos pós-jogo (com as festas e churrascos que viram as noites), conforme a fala de Bismarck, quando lembra do título de 2023, “teve festa, churrasco, a gente parou a quebrada, para falar a verdade. Festa de um dia para o outro” (Bismarck, 26 anos, jogador do Favela Piratininga), corroboram com os achados de Bauler (2004), em que o futebol propicia um modo coletivo de vivenciar o espaço e, por isso, causa a construção de uma identidade comunitária e a construção de amizades. Essa identidade comunitária é tão forte, que mesmo quando amboa os times jogam um contra o outro, a torcida pouco se divide, segundo os entrevistados, no entanto, eles percebem que os mais novos tendem a se aproximar mais do Favela, e atribuem isso para a rápida ascensão que o time teve no cenário varzeano de Osasco, esse comportamento pode ser explicado, pois os sujeitos buscam alinhar as suas identidades pessoais a identidade que eles reconhecem como positivas, no caso o Favela e o seu sucesso quase meteórico.

6.2. “A gente já cresce com esse amor, né, com essa identidade dentro da gente”

O núcleo “A gente já cresce com esse amor, né, com essa identidade dentro da gente” compreende 6 indicadores: futebol paixão de infância, a infância jogando bola, a tentativa de viver do futebol — a base, a tentativa de viver do futebol — como profissional, desistir do sonho de ser jogador profissional e a várzea sempre esteve presente. Este núcleo relaciona a presença do futebol na vida dos jogadores e como esse amor pelo esporte influenciou na escolha profissional por toda a adolescência e vida adulta.

Percebemos pelas falas dos entrevistados que o futebol esteve presente em suas vidas desde a infância, eles relatam influência a familiar para gostarem de futebol, Bismarck relembra que seu nome é uma homenagem para um jogador vascaíno e Lucas conta que sua família sempre se reuniu para assistir a jogos de futebol. Ainda, ambos escolheram como time do coração o mesmo time dos pais, no caso o Palmeiras, e relatam que estão passando essa tradição para suas famílias, pois incentivam seus filhos a gostarem de futebol e serem palmeirenses também.

Quanto a prática do esporte, ambos os entrevistados jogam futebol desde pequenos, Lucas afirma que “Jogo bola desde criança, por causa que eu cresci dentro de um campo, praticamente, né? O campo aqui do Flamengo, meu tio era caseiro do campo. Então, eu e meus primos, a gente cresceu jogando bola aqui no campo de terra, né” (Lucas) e “meu pai desde quando eu tinha 6 anos, é..., me colocou numa escolinha” (Bismarck), evidenciando, mais uma vez a relação familiar como influência para essa escolha. As falas apresentadas pelos entrevistados corroboram com a formulação de Filho (1964) que o futebol é uma paixão nacional.

Ainda, a ação de jogar em escolinhas de futebol⁷ e posteriormente a ida para as categorias de base de clubes federados⁸, como Pinheiros, Audax Osasco e Ponte Preta, demonstra a tentativa de viverem do futebol, Bismarck relata: “Você cresce sonhando, né, em virar um jogador de expressão, né, ser bem remunerado e dar condições boas para sua família”. Ciampa, Lemos e Souza (2010) afirmam que a ideia do sucesso pelo futebol é bem comum no Brasil, principalmente entre as crianças mais vulneráveis, em parte pela paixão estimulada desde criança, mas em parte pela glamourização da mídia.

⁷ As escolinhas de futebol são espaços dedicados para desenvolver a prática do futebol, com foco no desenvolvimento de habilidades técnicas e táticas. Muitos meninos que sonham em jogar futebol se matriculam nessas escolinhas com o objetivo de posteriormente entrarem nas categorias de base de algum clube.

⁸ Clubes federados são aqueles que estão associados com uma federação esportiva, como a Federação Paulista de Futebol (FPF) ou a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Essas federações organizam as competições oficiais no país, tanto para a base quanto para o profissional.

Os autores ainda afirmam que o sucesso como jogador é restrito a poucas pessoas, os outros ficam em equipes menores ou sem equipes (Ciampa, Lemos e Souza, 2010), essa situação também pode ser vista nos relatos dos entrevistados, Lucas parou de tentar jogar profissionalmente aos 18 anos, quando não conseguiu entrar em nenhum clube profissional e precisou começar a trabalhar, já Bismarck parou aos 23 anos, após uma breve carreira profissional em equipes menores como o Rio Branco, Desportivo Brasil e Barretos (ele ainda relata que chegou a viajar para Portugal e Irlanda como jogador profissional), mas que encerrou a carreira, pois ela não dava tanto retorno financeiro, o que deixava sua vida familiar complicada, pois foi pai aos 19 anos, dessa forma, também passou a trabalhar. Para Leme (2005 apud Ciampa, Lemos e Souza, 2010), a falta de chances no futebol profissional pode resultar em uma identidade excluída, devido à falta de reconhecimento social, o que também foi visto na entrevista “quando você vê que isso não vai acontecer [ser jogador profissional de sucesso] você fica meio que, né, não vou dizer sem chão, né, mas, mas dá aquele desânimo” (Bismarck).

Ambos os entrevistados passaram toda a infância e adolescência tentando a chance como jogadores profissionais, essa postura pode indicar uma re-posição da identidade de atleta, sem a abertura para novas personagens, movimento influenciado pelo desejo de sucesso, indicando uma política de identidade e a mesmice, na pesquisa de Vissoci, Oliveira, Nakashima et al (2018) essas características também são vistas. No entanto, eles relatam que durante o início da idade adulta buscaram outras atividades, como o trabalho registrado, o que indica que em determinado momento conseguiram apresentar novos personagens e abandonando a identidade pressuposta de jogador, Bismarck relata que deixou de ser Bismarck-Jogador Profissional, para ser Bismarck-Trabalhador e Pai. Apesar dessa mudança representar uma quebra no seu projeto de vida, ele encontrou na várzea uma maneira de continuar sendo Bismarck-jogador, dessa vez, Bismarck-Jogador de Várzea, segundo Ciampa (1987), essa multiplicidade de papéis indica uma mudança qualitativa em relação ao personagem pressuposto que ele mantinha desde a infância.

Além disso, ambos os entrevistados relatam que mesmo durante a trajetória na base (e no caso de Bismarck, quando a trajetória profissional), nunca deixaram de jogar nos times de várzea. Essa manutenção do personagem de jogador de várzea pode ser analisada pelo sucesso e reconhecimento obtido no contexto varzeano, que não era vivenciado nos clubes federados. Considerando que o reconhecimento é fundamental para a constituição da identidade (Lima, 2010), o reconhecimento na várzea foi necessário para promover e concretizar a identidade de jogador.

6.3. “Na várzea, o amor nunca acabou”

Já o núcleo “*Na várzea, o amor nunca acabou*” é composto por 8 indicadores, são eles: na várzea o amor não acabou, é necessário treinar para competir, as amizades na várzea, a modernização da várzea, a remuneração na várzea, quero competir e ganhar, o reconhecimento por onde passa e, por fim, as conquistas na várzea. O presente núcleo indica como, após o fim do sonho de ser jogador profissional, os entrevistados encontraram na várzea um modo de permanecer praticando futebol e, inclusive, ter reconhecimento.

Esse núcleo é marcado pela escolha dos entrevistados em continuarem atuando no futebol pela várzea aos finais de semana, segundo os entrevistados a várzea “é uma outra saída, né, que a pessoa acaba encontrando” e que “na Várzea que as coisas também começaram a andar” (Bismarck), reafirmando na várzea uma maneira de continuarem com o projeto de ser jogador, conciliando com os seus empregos e, ainda, obtendo reconhecimento, tanto financeiro, quanto da sociedade. Essa continuação do projeto de vida retira o sujeito do não reconhecimento causado pela ausência de sucesso no futebol profissional e, assim, possibilita que o sujeito assuma outra personagem, evitando a morte simbólica do personagem moribundo (Ciampa, 1987). Nesse sentido, consideramos que a escolha por manterem seus nomes próprios na realização da entrevista é, mais uma forma de ter reconhecimento social da sua identidade enquanto jogador, esse comportamento também foi visto durante uma das visitas em campo, em que os jogadores diziam uns para os outros, frases como “Lucas tá ficando famoso, vai até dar entrevista” (Anexo D).

Os indicadores “é necessário treinar para competir”, “a modernização da várzea” e “a remuneração na várzea” demonstram que o neoliberalismo invadiu o cenário varzeano, indicando a profissionalização da várzea, conforme o postulado por Spaggiari (2024). Enquanto Spaggiari afirma que as mudanças ainda precisam ser significadas pelos participantes, os entrevistados veem essas mudanças como positivas, ao enxergarem melhora na organização e estrutura, como a qualidade dos campos, além do retorno financeiro e o aumento da competitividade “muitos times hoje investem, né, dão o seu melhor ali, é..., por um campeonato, né, por apenas pelo troféu, apenas pelo status, né? E que isso quem faz acontecer somos nós jogadores” (Bismarck).

A competitividade é importante para eles, pois está diretamente relacionada com o reconhecimento que a várzea pode proporcionar enquanto atleta, como pode ser visto pela seguinte fala “o sentimento que a gente, que eu tenho mesmo é o de poder competir, né? O sentimento bom de poder estar competindo ainda, de poder estar brigando por alguma coisa,

por estar ganhando um título, pra poder trazer um título pra comunidade, o status de campeão” (Lucas). Novamente, o reconhecimento que a várzea proporciona aos jogadores através desse “status de campeão” é fundamental para a constituição da identidade, conforme afirma Lima (2010). O desejo pelo sucesso enquanto jogador proporcionou a metamorfose para jogador de várzea e o reconhecimento conquistado na comunidade pelos títulos que ganham é o que sustenta a re-posição dessa identidade.

Como título marcante, os entrevistados recordam do acesso para a segunda divisão da Liga de Osasco, conquistado no ano de 2023 “voltar [na comunidade] depois de de ganhar um título assim, né? Ver que a gente fez o nosso papel é, é gratificante, porque todo mundo fica agradecido, né? Quem gosta do time, alegre, parabeniza a gente pelo que a gente fez. E a gente é bem tratado aqui” (Lucas). Percebemos nessa fala a importância do reconhecimento social para o entrevistado e a comunidade como um lugar onde podem reafirmar suas identidades, conforme proposto por Sawaia (1995).

Para os entrevistados, o sucesso na várzea modifica as relações que eles têm com os outros, pois, devido ao reconhecimento enquanto jogadores, se tornam, dentro da comunidade, quase celebridades, conforme pode ser visto nas frases “eu chego lá, daí, eu cumprimento, tipo, os meninos. é..., muitas pessoas faz questão de vir até a mim, às vezes eu nem conheço a pessoa “Ou, você é o Bismarck? Você é aquele menino que joga bola? Você joga aqui no Favela e tudo mais?” Falo: "Sou.” e “O pessoal vai lá, faz questão de cumprimentar, quer pagar alguma coisa para você, quer te tratar bem. “Ou, posso ficar aqui?”, “Ou, vamos tirar uma foto?”” (Bismarck). Novamente, essas falas indicam a possibilidade de reafirmarem suas identidades pelo reconhecimento da comunidade, sendo o bairro do Piratininga, um território que alimenta a potência de ação e cria laços pelo futebol (Sawaia, 1995).

Além disso, o indicador “amizades na várzea”, reforça a ideia da sociabilidade proporcionada pelo futebol de várzea, o que confere com as ideias de Silva (2022), especialmente entre os jogadores, que a partir do futebol passaram a ter laços de amizade em outros momentos “dia de sexta-feira, né? Lá costuma ter, ter uma festa, né? Lá é um local que tem bastante bar, bastante, né, movimento. Aí, vira e mexe a gente combina, a gente tá lá, a gente se junta, a gente bebe, né, come, comemora, troca ideia, dá risada” (Lucas) e “ é uma relação assim, que também começou no futebol, mas acabou saindo, né? Virou, virou extra-campo, né? Como eu disse da, de nós sair e tudo mais. É uma amizade que a gente vai ter, mesmo se a gente parar, mesmo se o time um dia acabar, essa amizade vai permanecer” (Bismarck). Mas também pode ser vista nos torcedores, que se reúnem antes, durante e após

os jogos, principalmente nos jogos de mata-mata (anexos E e F) e conforme visto nos diários de campo, em outras ocasiões também, como a Festa das Crianças (anexo B), o que demonstrando novamente a várzea como uma possibilidade de espaço de sociabilidade democrático, conforme proposto por Silva (2022) e o bairro do Piratininga, como um espaço de “calor humano”, como proposto por Sawaia (1995).

6.4. “É um time que eu vou levar para o meu coração para todo lugar”

O núcleo “*É um time que eu vou levar para o meu coração para todo lugar*”, compreende 3 indicadores: O início do Favela Piratininga, o sentimento de jogar no Favela Piratininga e os jogadores — a base do time e os novos. Esse núcleo busca apresentar o time Favela Piratininga, sintetizando a criação do time Favela Piratininga e os laços de afeto criados a partir deles.

Quanto à criação do time, Lucas, que participou desse momento, conta que se deu por um jogo beneficente, uma forma de homenagem a um amigo de infância, da comunidade, que faleceu, foi depois desse jogo que continuaram a jogar todas as semanas na quadra da comunidade. Esse momento evidencia o futebol de várzea como um espaço de solidariedade e ajuda mútua, confirmando os achados de Bauler (2004) vendo no futebol de várzea uma forma contemporânea de movimento social. A partir disso, também podemos considerar essa ação como um movimento em direção de uma *consciência periférica*, devido à mobilização comunitária, conforme D’Andrea (2013).

Para os entrevistados, jogar no Favela Piratininga proporciona sentimentos de carinho e gratificação, especialmente para Lucas, que está no time desde o começo. Esse sentimento é amplificado pelo sentimento de reconhecimento, conforme podemos ver “o sentimento é muito grande, é gratificante, é, é emocionante você saber que ficou marcado assim, né, tanto na história do do time, quanto para comunidade também, para as pessoas, o reconhecimento, tudo mais, é bem legal.” (Bismarck). Evidenciando, mais uma vez, como o reconhecimento impacta na formação da identidade de jogador, principalmente quando a comunidade é tão envolvida com o futebol, como no Piratininga.

A identificação acontece também entre os jogadores, os entrevistados afirmam que existe uma “base” do time, isto é, cerca de 6 jogadores que são amigos e estão no time desde a sua criação, os demais jogadores são chamados para integrar os times por indicação dos outros devido às habilidades que possuem. Essa composição indica, primeiramente, a identificação entre os indivíduos da comunidade, que juntos criam a identidade do time

Favela Piratininga e, com isso, reafirmam as próprias identidades enquanto jogadores de várzea, encaminhando os sujeitos para a emancipação (Bauler, 2004; Ciampa, 1987).

Já a presença de jogadores para a disputa de campeonatos, evidencia que o time — que surgiu como um momento de solidariedade — está caminhando para a profissionalização da várzea, buscando melhores jogadores para disputar e vencer, conforme visto por Spaggiari (2024). Ambos os entrevistados, são atualmente remunerados para jogar no Favela Piratininga, para Lucas, que fundou o time e mora na comunidade, ser remunerado faz aumentar os laços que têm com o time, “hoje em dia ainda tô recebendo para poder jogar no time que é da minha comunidade, né? Então, o Favela para mim é, é um clube que eu amo mesmo, que eu gosto bastante” (Lucas).

6.5. “Se você ser pobre, favelado e preto, sempre vai ter um preconceito”

Por fim, o núcleo “*Se você ser pobre, favelado e preto, sempre vai ter um preconceito*” é composto pelos indicadores: ser periférico, discriminação social, racismo e fora do futebol o reconhecimento é pelo caráter. Esse núcleo reúne os estigmas enfrentados pelos participantes enquanto sujeitos periféricos e pretos, passando pela violência e o reconhecimento atrelado, principalmente, pela índole.

Ao serem perguntados sobre exclusão social, inicialmente os entrevistados afirmaram que não enfrentavam esse tipo de situação, pois tinham “boa índole” e “bom caráter”, em uma análise superficial e restrita a esse momento poderiam indicar duas situações: ou de fato eles nunca passaram por processos de exclusão, mesmo sendo periféricos, ou não formaram uma *consciência periférica*, conforme teoriza D’Andrea (2020), e uma identidade política voltada para a emancipação, consoante o proposto por Ciampa (1987;2002). Entretanto, ao terem como exemplo o relato de um dos entrevistados — enquanto homem preto, foi enquadrado pela polícia na Avenida Paulista, SP — os entrevistados se identificaram e relataram, frases como “você vê que, que a questão racial está inserida em todos os fatores, em todos os cantos, né? é..., por exemplo, eu acho que na TV Cultura 70% das pessoas são brancas que trabalham lá, né?” (Bismarck), “Mas em questão de condições, né? Acontece com frequência. A pessoa branca vai ganhar mais, vai ter uma certa regalia mais do que uma pessoa preta” (Bismarck), “Discriminação dentro da comunidade sempre vai ter, sempre que passou uma viatura ou não, para eles, todo mundo é ladrão, até que prove o contrário” (Lucas), e a frase que nomeia esse núcleo “Se você ser pobre, favelado e preto, sempre vai ter um preconceito, um olhar meio torto” (Lucas). Dessa maneira, a partir da análise cuidadosa dos dados obtidos, podemos identificar que ambos os entrevistados possuem uma consciência

enquanto *sujeitos periféricos*, ao compreenderem os processos de exclusão que envolvem as experiências deles, enquanto moradores do bairro Piratininga e, por meio da ação coletiva propiciada pelo time Favela Piratininga, revelam as opressões vividas e se reafirmam enquanto cidadãos, caminhando para a emancipação e uma identidade política, mesmo que não dominando os termos acadêmicos dos processos que vivenciam.

Por outro lado, o racismo, foi rapidamente identificado e nomeado pelos participantes, revelando correspondências com as cidadanias mutiladas descritas por Milton Santos (1996), em que o cotidiano da população negra é atravessada por estigmas e preconceitos. Milton (2000) ainda complementa que ser negro no Brasil é conviver com olhares atravessados, situação também enfrentada pelos entrevistados no seu cotidiano e facilmente percebidas. Essa nomeação, mais uma vez evidencia a identidade política e a emancipação que os entrevistados possuem, ao compreenderem as condições concretas que constituem a sua identidade, conforme afirma Ciampa (2002).

Ainda, o indicador *“fora do futebol o reconhecimento é pelo caráter”*, os entrevistados indicam que, diferentemente do futebol em que é a atividade que exercem e seus êxitos que os diferenciam na sociedade, causando reconhecimento, nos outros momentos da vida, como o trabalho, o reconhecimento é adquirido pelo “caráter”, desconsiderando suas produções, conforme evidenciado na fala

“fora do futebol, você pode ainda ser muito bem reconhecido pela pessoa que você é, né? Então, eu acho que, pelo menos no meu lado, eu me considero bem reconhecido pelas pessoas, também de fora do futebol, justamente por isso. Pela minha índole, por ser uma boa pessoa, ser um cara educado, ser um cara gente boa, ser um cara honesto” (Bismarck)

Esse movimento de não-reconhecimento pela atividade desempenhada corrobora com a afirmação de Clóvis Moura e Farias, de que após a abolição da escravidão no Brasil, a população negra — que enquanto escravizada sustentava a economia do país — após liberta passou a ser vista como mau trabalhador e, por isso, excluída do sistema produtivo (2024).

A falta de reconhecimento da atividade interfere na construção da identidade dos sujeitos, podendo levá-los a mesmice, no entanto, percebemos no decorrer da entrevista que o reconhecimento não encontrado no cotidiano é encontrado ao praticarem o futebol de várzea, dessa maneira, ao assumirem o personagem-jogador, os entrevistados conseguem encontrar novos sentidos para a própria existência (ao se reafirmarem enquanto coletivo, e indivíduos e, ter o reconhecimento dos pares), conseguindo evitar a mesmice imposta pelas violências do mundo capitalista e racista, caminhando para a emancipação (Ciampa, 1987, Almeida, 2017).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou explorar a relação do futebol de várzea no enfrentamento da desigualdade social presente nas periferias paulistas a partir das vivências dos jovens jogadores. Com isso, as narrativas apresentadas por Lucas e Bismarck, jogadores do Favela Piratininga, time de várzea de Osasco, revelam o papel do futebol de várzea na construção de suas identidades enquanto jogadores de futebol. Além disso, o time Favela Piratininga, se mostrou um importante fator de sociabilidade na comunidade, contribuindo para a integração dos moradores.

No bairro, conforme analisado no núcleo “A comunidade para, né, quando se trata de futebol”, a presença dos dois times de várzea — Favela e Flamengo Piratininga — faz parte da identidade da comunidade do Piratininga, consideramos que isso corrobora com a noção de uma *consciência periférica* (D’Andrea, 2020), pois o futebol atua como um código comum de pertencimento entre os moradores, além de promover a sociabilidade. Portanto, a maneira como a comunidade se reúne em torno do futebol, como, por exemplo, quando as torcidas se reúnem para acompanhar os times nos dias de jogos e durante as festas promovidas pelos times, evidenciam esse sentimento em comum e a identidade comunitária, reiterando a tese de Bauler (2004) e indicam que o bairro do Piratininga, é um espaço de “calor humano” (Sawaia, 1995) e de interação democrática (Silva, 2022).

No segundo núcleo “A gente já cresce com esse amor, né, com essa identidade dentro da gente”, ao analisar a relação dos participantes com o futebol, percebemos que a paixão pelo futebol é um elemento central na formação de suas identidades. Com a influência familiar e cultural, ambos os entrevistados apresentavam desde a infância o sonho de ser jogador profissional de futebol. A idealização do sucesso enquanto jogador, especialmente entre jovens de periferias, é comum, principalmente por verem no futebol uma possibilidade de ascensão financeira e reconhecimento, conforme afirmado por Ciampa, Lemos e Souza (2010). No entanto, poucos conseguem chegar a esse status, e a não realização desse projeto de vida, pode resultar na identidade-mito, isto é, na *mesmice* (Ciampa, 1987), caso não consigam assumir outros personagens. Lucas e Bismarck, viram na várzea uma forma de ressignificar o futebol, assumindo a personagem de jogador de várzea, sendo uma mudança qualitativa significativa para suas identidades, especificamente na análise do núcleo “A gente já cresce com esse amor, né, com essa identidade dentro da gente”, a trajetória de ambos os entrevistados e as mudanças de seus projetos de vida ficam evidentes.

No núcleo “Na várzea, o amor nunca acabou”, ressaltamos a importância do futebol para ambos os entrevistados, especialmente o papel que o reconhecimento social advindo do

futebol de várzea tem para a construção de suas identidades. Na várzea, a possibilidade de vitórias e títulos, fortalece o reconhecimento que os jovens têm na comunidade, sustentando a reposição do personagem jogador de várzea e reafirmam a identidade dos jovens (Lima, 2010; Sawaia, 1995). O sentimento de carinho e gratificação por jogar no time, especialmente para Lucas, um dos fundadores, é amplificado pelo reconhecimento obtido na comunidade, reiterando o impacto da comunidade na formação da identidade do jogador. A “base” de jogadores amigos desde a criação do time demonstra a identificação entre os indivíduos e a construção coletiva da identidade do Favela Piratininga, impulsionando os sujeitos em direção à emancipação (Bauler, 2004; Ciampa, 1987).

Por fim, o núcleo “Se você ser pobre, favelado e preto, sempre vai ter um preconceito” revela as profundas marcas dos estigmas sociais. Inicialmente, a hesitação dos entrevistados em reconhecer a exclusão social, atribuindo o reconhecimento que tem no cotidiano ao “bom caráter”, pode indicar uma falta de consciência periférica ou uma identidade política menos desenvolvida (D’Andrea, 2020; Ciampa, 1987; 2002). Contudo, o relato do entrevistador sobre o enquadro policial na Avenida Paulista agiu como um catalisador, permitindo que os entrevistados se identificassem e expressassem suas experiências de discriminação e racismo. As vivências relatadas por Lucas e Bismarck apresentam consonância com as “cidadanias mutiladas” de Milton Santos (1996; 2000) e o reconhecimento disso evidencia uma identidade política e a busca pela emancipação (Ciampa, 2002). Já o reconhecimento pelo “caráter” fora do futebol, ignorando suas produções e atividades, é um reflexo da exclusão do sistema produtivo sofrida pela população negra após a abolição (Farias, 2024). No entanto, o futebol de várzea emerge como um espaço, onde o reconhecimento, a coletividade e a reafirmação individual permitem aos entrevistados encontrar novos sentidos para a existência, resistindo à “mesmice imposta pelas violências do mundo capitalista e racista” e caminhando para a emancipação com uma identidade política (Ciampa, 1987; Almeida, 2017).

Portanto, o futebol de várzea tem um papel fundamental no enfrentamento das desigualdades sociais, pois, através do reconhecimento obtido por ele, os jovens conseguem sair da identidade pressuposta de jogador de futebol — influenciada pela cultura e pela mídia, que glamourizam o futebol — e conseguem assumir um novo personagem enquanto jogadores de várzea. Além disso, diante das violências causadas pelas desigualdades e do racismo, a cidadania desses jovens periféricos são mutiladas no cotidiano (Santos, 1996), portanto, o reconhecimento que os jovens possuem através do futebol de várzea é fundamental para o fortalecimento de suas identidades, impedindo que eles assumam o

personagem-moribundo, que pode resultar da falta de reconhecimento (Ciampa, 1987). Dessa maneira, a organização coletiva do futebol e o reconhecimento enquanto jogadores, possibilita a formação de *consciências periféricas*, conforme proposto por D'Andrea (2013) e a emancipação dos sujeitos, formando uma identidade política (Ciampa, 2002).

REFERÊNCIAS

- ADAUTO, Flávio. O futebol da cidade não morreu só mudou de lugar. In: Futebol: espetáculo do Século. COSTA, Márcia et al. (org.). São Paulo: **Musa Editora**: 119-27, 1999.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira et al. Reflexões sobre sentido e significado. A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: **Cortez**, p. 54-72, 2009.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Revista brasileira de estudos pedagógicos, v. 94, p. 299-322, 2013.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. **Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. Cadernos de pesquisa, v. 45, p. 56-75, 2015.
- ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. Identidade e emancipação. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. e170998, 2017.
- ALMEIDA, Ronaldo de; D'ANDREA, Tiarajú; LUCCA, Daniel de. Situações periféricas: etnografia comparada de pobrezas urbanas. **Novos estudos CEBRAP**, p. 109-130, 2008.
- ALMEIDA, Renato Souza de; JESUS, Marcello Nascimento de. Desafios para a cultura de periferia na cidade de São Paulo. **PROPOSTAS EM MOVIMENTO PARA A REINVENÇÃO DAS QUEBRADAS**, p. 45-66, 2021.
- BAULER, Silvia Regina Godinho. O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana, 2004. Tese de Mestrado. Dissertação (mestrado) — Curso de Educação Física, **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul.
- BEVERARI, Rafael Fermio. **Futebol de Várzea: berço de insubordinações**. PUC-SP, Faculdade de Ciências Sociais, Relatório Final do projeto de iniciação científica. São Paulo-SP, 2009.
- CIAMPA, Antonio da Costa. A Estória do Severino e a História da Severina. **Editora Brasiliense**, 1987.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Políticas de identidade e identidades políticas. **Uma psicologia que se interroga: ensaios**, p. 133-144, 2002.
- CIAMPA, Antonio da Costa; LEME, Clodoaldo Gonçalves; SOUZA, Renato Ferreira de. Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil. **Diversitas: Perspectivas em Psicología**, v. 6, n. 1, p. 27-36, 2010.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo et al. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. **São Paulo: FFLCH**, 2013.
- D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 19-36, 2020.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005.
- DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.
- DEL PINO, Mauro. Política educacional, emprego e exclusão social. In: **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, p. 65-88, 2002.
- FARIAS, Márcio. Clóvis Moura e o Brasil: Um ensaio crítico. 2ª ed. **Dandara Editora**, 2024

FERNANDES, Florestan. CAPITALISMO DEPENDENTE: e classes sociais na América Latina. **Zahar Editores**: Rio de Janeiro, 1981.

FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa: ensaio de interpretação sociológica. **Zahar Editores**: Rio de Janeiro, 1976.

FILHO, Mario Rodrigues. O Negro no Futebol Brasileiro. **Editora Civilização Brasileira**, 1964

GE. Globo Esporte SP. **Copa do Busão 2024**: Metalúrgicos vence Fittipaldi e leva título. Vídeo. 2m. Ago, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/video/copa-do-busao-2024-metalurgicos-vence-fittipaldi-e-leva-titulo-12850501.ghtml> Acesso em: 12 out. 2024.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social. São Paulo: **Cortez**, 2010

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, v. 16, p. 333-361, 2011.

GOHN, Maria da Glória. A produção sobre movimentos sociais no Brasil no contexto da América Latina. **Política & Sociedade**, v. 13, n. 28, p. 79-103, 2014.

GONÇALVES, M. Graça M.; BOCK, Ana MB. A importância da ruptura epistemológica—nosso caminho com Silvia Lane. **Silvia Lane: uma obra em movimento**, p. 135-158, 2018.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2010.

LARA, Silvia Hunold. **O território dos Palmares: cartografia, história e política**. Afro-Ásia, n. 64, p. 12-50, 2021.

LEMOS, José de Jesus Sousa. **Mapa da exclusão social no Brasil: radiografia de um país assimetricamente pobre**. Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica**. 2010. p. 376-376.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 40, p. 11-25, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

MÓNICO, L. et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ 2017**, v. 3, 2017.

MORATO, Edwiges Maria. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. **Educação & Sociedade**, v. 21, p. 149-165, 2000

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação I. **Lutas Sociais**, v. 27, n. 50, p. 61-73, 2023.

OSASCO. Prefeitura de Osasco. Secretária de Assistência Social (SAS). **Estudo de Vulnerabilidades Sociais do Município de Osasco**. Osasco-SP: SAS, out. 2024. Disponível em: <https://osasco.sp.gov.br/site/wp-content/uploads/2024/11/estudo-de-vulnerabilidades-sociais-do-municipio-de-osasco-2024.pdf>. Acesso em 16 jun. 2025.

OSASCO. Prefeitura de Osasco. Secretaria de Planejamento e Gestão. Osasco em Números 2019. Osasco-SP:SEPLAG, 2019. Disponível em: <<https://participa.osasco.sp.gov.br/Upload/publicacao/osasco-em-numeros-assistencia.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2024.

OSASCO. Prefeitura de Osasco. Secretária de Assistência Social. Estudo sobre a demanda territorial de novo CREAS. Osasco-SP: SAS, dez. 2021. Disponível em: <<https://osasco.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/estudo-sobre-demanda-territorializada-de-novo-creas-2021.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2024

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; DA SILVA, Inácio Crochemore. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, v. 16, n. 3, p. 155-179, 2010.

ROCCO JUNIOR, Ary José; MAZZEI, Leandro Carlos; OLIVEIRA, Luciana Rocco de. Os novos estádios e arenas do futebol brasileiro e a Comunicação: o esporte como entretenimento e a cidade como negócio. **Intercom**, 2015.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. **O Preconceito**. São Paulo: IMESP, p. 133-144, 1996.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. **Folha de São Paulo**, São Paulo, v. 7, p. 1-4, 2000.

SAWAIA, Bader Burihan; SILVA, Daniele Nunes Henrique da. A subjetividade revolucionária: questões psicossociais em contexto de desigualdade social. In: **Psicologia sócio-histórica e desigualdade social: do pensamento às práxis**, p. 23-44, 2019.

SAWAIA, Bader B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em perspectiva**, v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995.

SILVA, Roberta Pereira da. **Campo de terra, Campo da Vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube**. 2017. 1 v. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) – Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Roberta Pereira da Silva. **A importância do futebol de várzea para a população negra de São Paulo (SP)**: The importance of varzea football for the black population of São Paulo (SP). *Revista Desenvolvimento Social*, v. 28, n. 1, p. 104-121, 2022.

SILVÉRIO, Valter Roberto et al. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. 2003.

SIMÕES, Irlan. Clientes versus Rebeldes. Rio de Janeiro: **Editora Multifoco**, 2017.

SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso: Da Escravidão à Ascensão da Extrema Direita. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2025.

SPAGGIARI, Enrico. “Profissionalização” da várzea?: Controvérsias e dinâmicas do rodar no futebol popular paulistano. **INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 21, p. 01-22, 2024.

SUPER COPA PIONEER. **Super Copa Pioneer**, 2024. Página Inicial. Disponível em: <<https://supercopapioneer.com.br/>>. Acesso em: 12 out. 2024

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, p. 17-28, 2006.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig; OLIVEIRA, Leonardo Pestillo de; NAKASHIMA, Fernanda Soares, et al. Esporte é um contexto que possibilita emancipação ou colonização no processo de formação identitária?. **Revista de psicología del deporte**, v. 27, n. 4, p. 0059-65, 2018.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 241-260, 2006.

ANEXOS

Anexo A — Roteiro de entrevista

TÓPICO GUIA	PERGUNTA	OBJETIVO
Pergunta inicial - Apresentação	Poderiam se apresentar? Idade, o que fazem, onde jogam, etc	Apresentação dos sujeitos participantes
Bairro	Como é o dia a dia de vocês no bairro? Vocês cresceram nele? Como foi e como é atualmente? Qual a lembrança mais marcante?	Conhecer o bairro e a vivência dos sujeitos; Identificar possíveis situações de exclusão e sofrimento ético-político
Futebol	Qual a relação de vocês com o futebol? Quando começaram a assistir e a jogar? Qual a lembrança mais marcante?	Compreender a importância do futebol para os participantes e a relação que estabelecem com ele
Futebol de várzea	E o que o futebol de várzea? Qual a relação de vocês com ele?	Entender como os jovens diferenciam o futebol de várzea e o futebol espetacularizado; Compreender qual o sentido estabelecido com o futebol de várzea
Time de várzea	Vocês poderiam falar um pouco sobre o time de vocês, qual a história dele e porque resolveram fazer parte dele?	Entender sobre a dinâmica do time e os aspectos que fazem parte da escolha por ele
Identidade Favela Pira	Como é ser um jogador do Favela Piratininga? O que um cara precisa pra fazer parte do time? Quais são os costumes/hábitos do time?	Revelar o processo de constituição de identidade enquanto jogador de várzea
Afetos	Como é a relação entre os jogadores do time? Vocês se encontram em atividades além do futebol?	Compreender os laços que são formados a partir do grupo/time
Campeonatos	Como é disputar um campeonato de várzea pelo time? Qual o sentimento de vocês?	Entender a vivência dos jovens como jogadores de várzea
Articulação bairro-time	Qual a relação do time com o bairro? Como vocês acham que a comunidade enxerga o time?	Entender a atuação do time varzeano na comunidade
Exclusão	Vocês consideram que sofrem algum tipo de violência ou preconceito? Se sim, quais? Como lidam com isso?	Compreender como os jovens vivenciam situações de violência e as formas como enfrentam essas questões.
Outras	Vocês gostariam de falar sobre algum assunto que não conversamos ainda?	Incentivar a discussão sobre outros temas relevantes para o grupo

Anexo B — Festa das Crianças

A “mega festa das crianças” realizada pelo time foi marcada para um domingo às 10 horas, o endereço do convite divulgado no perfil oficial do time no instagram constava uma das principais ruas do bairro Piratininga e que delimita a área de uma comunidade conhecida pelos moradores como Favela do Flamenguinho, o número indicado no endereço era, na realidade, um ponto de referência da viela onde a festa aconteceria. Naquela viela, que se estreitava conforme se adentrava na comunidade, foram montados brinquedos infláveis e cama elástica, barracas de comidas e refrigerante, ao final da viela abria-se um espaço onde foi montado um palco para a realização dos shows que aconteceriam ao longo do dia.

Apesar do convite marcar as 10h, ao meio dia os brinquedos ainda estavam sendo montados, as comidas estavam a caminho e poucas crianças estavam presentes, entretanto a presença de homens adultos era considerável, sendo que a maioria estava consumindo bebidas alcoólicas e ouvindo músicas como sambas, pagodes e funks, não característicos de festas infantis. O comércio da viela continuava funcionando, com alguns bares e adegas, mercearia e salão de beleza, os funcionários ficavam reunidos nas entradas observando o movimento, conversando e cantando as músicas. Enquanto isso, era possível observar alguns poucos jogadores do time se movimentando com pressa pelo local, seja para agilizar a chegada e/ou armazenamento das comidas que seriam servidas gratuitamente às crianças, seja para organizar a montagem dos brinquedos, principalmente os maiores que devido ao tamanho ocupavam toda a largura da viela ou então batiam nos diversos fios desordenados dos postes, oferecendo risco às crianças.

Conforme os brinquedos eram montados as crianças apareciam para brincar, algumas vinham sozinhas e outras eram acompanhadas por um dos pais ou pelo irmão mais velho, geralmente ainda criança. Elas se revezavam entre os brinquedos e também brincavam descalços no chão, mesmo com a água suja acumulada e com o lixo presente na viela, os pais não pareciam se importar com esse fato, demonstrando estarem acostumados a situação. Aos poucos, barraquinhas de pipoca, algodão doce, salgadinhos diversos e refrigerante foram montadas e as comidas começaram a ser servidas, o que atraiu mais público no geral.

No decorrer do evento o vereador recém eleito de Osasco compareceu interagindo com a população e agradecendo pelos votos recebidos, ele também interagiu com os organizadores da festa e com alguns jogadores do time, não foi possível identificar se ele era um dos colaboradores do evento (eram 13 no total e o seu nome não estava na lista divulgada), mas um breve vídeo da sua presença por lá — inclusive uma cena dele arrumando as redes de um brinquedo, que foi montado horas antes da sua chegada — foi postado nas

suas redes sociais. O ponto alto da festa foi a distribuição de brinquedos novos para as crianças e a presença de um grande robô dançarino, que interagia com todos. Apesar de não ter presenciado o evento até o final, nas redes sociais do time foram postados vídeos em que foi possível observar que o evento durou até bem tarde da noite, mesmo sendo um domingo, com shows de forró e funk, nesse momento a presença de adultos e adolescentes era majoritária, apesar de ainda ter crianças presentes no local.

Anexo C — Estreia na Liga de Futebol de Osasco (2º divisão)

O jogo de estreia do time na segunda divisão — o acesso foi conquistado no ano anterior, ao ser campeão da 3º divisão — aconteceu no Campo Cometa, um espaço público no bairro da Vila Menck em Osasco que ficou conhecido dessa forma por ser usado com frequência pelo time de futebol de várzea do bairro, o Cometa F. C. O espaço é composto por um campo de futebol de grama sintético (que foi colocado pela prefeitura em 2016, substituindo o campo de terra, comum na várzea da periferia de São Paulo), uma arquibancada descoberta de concreto, vestiários para os jogadores, um bar com lanchonete e um espaço coberto, uma pequena área para churrasco e um pequeno salão de festas (que estava fechado nesse dia). O primeiro jogo da divisão estava marcado para às 13h30 e o Favela jogaria logo na sequência, às 15h (é comum que no mesmo dia diversos jogos aconteçam no mesmo campo), entretanto, às 14h ainda acontecia o jogo da Copa dos Veteranos, o que atrasou toda a programação.

O primeiro jogo da divisão teve Cosmos X Nacadencia e contou com uma bonita festa da torcida organizada do Nacadencia, que levou bateria e fumaça azul assim como a cor do time, mesmo com a forte chuva que caiu no meio do primeiro tempo a torcida continuou cantando e tocando os instrumentos na arquibancada, se retirando para a área coberta apenas no intervalo da partida, de forma que o time não ficasse sem apoio, a dedicação era tanta que alguns deles tinham até tatuagem em homenagem ao Naca, como o time é conhecido. No segundo tempo, continuaram a festa no pequeno espaço coberto, dividindo a área com os torcedores do outro time e com os jogadores da próxima partida, que ainda chegavam aos poucos. No final do jogo, vencido pelo Naca por 2x0, os torcedores cantavam músicas e provocavam os jogadores do Cosmos, que não teve torcida presente para apoiar.

O Favela jogou na sequência contra o Cometa, time da casa, apesar disso existiam alguns poucos e tímidos torcedores do Cometa, assim como o Favela, que a torcida era composta por cerca de 5 pessoas, devidamente uniformizadas. Enquanto os times jogavam, embaixo de muita chuva, os torcedores bebiam cerveja no espaço coberto e conversavam,

tanto sobre o jogo, quanto sobre outros assuntos do dia-a-dia. É importante ressaltar que mesmo com o jogo acontecendo a música do bar — em geral funk ou RAP, mas outros ritmos também eram escutados — continua tocando em volume bem alto, assim como o churrasco, e em alguns momentos nem parece que uma partida de futebol está acontecendo, visto que poucas pessoas estão de fato acompanhando o jogo, assim, não fica evidente se essas pessoas são torcedoras de algum dos times que irá jogar ou apenas moradores do bairro que veem no espaço um local de lazer. O Favela venceu por 2x1, fazendo boa estreia em um jogo difícil com muita chuva durante toda a partida. Alguns momentos depois do final da partida é possível observar os jogadores, em sua maioria já com outra roupa, se organizam para ir embora em um esquema de caronas dadas pelos jogadores que possuem carro, os torcedores vão embora junto com o time.

Enquanto o jogo do Favela ainda acontecia, os jogadores e a torcida dos próximos times a entrarem em campo chegavam, apesar de não terem torcidas organizadas com instrumentos de bateria, rojão e fumaça colorida igual a torcida do Nacadencia, eles eram bem numerosos, preenchendo todo o espaço coberto. Nesse momento, talvez devido à trégua da chuva, a presença de mulheres e crianças intensificou no local, em geral os adultos conversavam e bebiam cerveja e as crianças brincavam pelo espaço, os torcedores de ambos os times conviviam e interagiam de maneira harmônica, bem diferente do futebol profissional.

Anexo D — 3º Rodada da Liga de Futebol de Osasco

O jogo aconteceu mais uma vez no Campo Cometa, na Vila Menck, mas diferente da primeira rodada, nesse final de semana não choveu e fez um calor típico de verão. Assim, o espaço estava bastante movimentado, com música, churrasco e uma festa acontecia no salão de festas, havia muitos adultos e muitas crianças, que brincavam onde era possível e aproveitavam os intervalos das partidas e final do jogo para adentrar o campo e brincar — o que, inclusive, atrasava o reinício do jogo, visto que eram muitas e demoravam para sair.

Como o Favela havia vencido as duas rodadas anteriores, era líder do seu grupo e dependia apenas de um empate para se classificar para a fase seguinte. Dessa vez o Favela seria o primeiro time da liga a jogar, às 13h30, contra o Sai de Baixo, entretanto o jogo só foi iniciar depois das 14h, pois outra partida estava acontecendo. Como combinado anteriormente com a equipe, conversei com eles sobre detalhes da entrevista, que inicialmente o Neto, um dos técnicos da equipe e quem estava me ajudando, organizou para aquele dia, no vestiário e enquanto o jogo acontecia. Entretanto, ao explicar diretamente para os jogadores como

funcionaria, eles consideraram melhor realizar a entrevista em outro local, o campo do flamenguinho, espaço comunitário do bairro Piratininga que o time usa para treinar às vezes. Decidido isso, perguntei se poderia assistir ao jogo do banco de reservas, para acompanhar a interação dos jogadores durante a partida e eles responderam que iriam checar se eu poderia entrar, já que não estava cadastrada e o Favela poderia sofrer penalidades da arbitragem, me orientando a ficar próxima deles quando a partida fosse começar. Assim, pude observar que antes do jogo começar os jogadores ficam em silêncio observando o jogo que ainda está acontecendo ou então fazem breves comentários sobre os jogadores do adversário que enfrentarão, conforme eles saem do vestiário e circulam pelo espaço, também tentam organizar os equipamentos como caneleira e joelheira, já a água do time quem ficou responsável foi o presidente da torcida organizada, que encheu de gelo um pequeno isopor com algumas garrafas de 500ml. Apesar da proximidade, quando o campo foi liberado para o time eles não falaram se eu poderia ou não entrar, dessa forma permaneci na área coberta do espaço.

No espaço coberto havia poucos torcedores do Favela, porém mais torcedores presentes do que no outro jogo, imagino que pelo tempo ensolarado, alguns estavam com a camisa do time, mas a maioria não. Após alguns minutos, me direcionei para uma área mais próxima do banco de reservas, pelo lado de fora do campo, na tentativa de observar a interação, nesse local algumas árvores faziam sombra e alguns homens estavam sentados consumindo bebidas alcoólicas variadas e fumando narguilé e maconha, essa última era consumida abertamente e, inclusive, na presença de crianças, que percebi serem seus filhos. Eles conversavam sobre assuntos variados, relacionados ao trabalho, suas esposas e times de futebol profissional, pareciam pouco atentos ao jogo e demorei para perceber que eles conheciam os jogadores do Favela e eram torcedores do time, sobre o jogo faziam comentários pontuais, principalmente xingamentos e críticas quando algum jogador errava algum lance importante. Em dado momento do primeiro tempo, um homem se aproximou de onde eu estava e retirou um pacote com algumas gramas, do que supus ser, maconha de uma pochete que estava escondida atrás de alguns galhos, observei que ele entregou o pacote para outro homem e recebeu uma quantia de dinheiro, essa movimentação aconteceu pelo menos outras duas vezes durante o período em que fiquei por ali.

No final do primeiro tempo me aproximei mais do banco de reservas e, nesse momento, o técnico responsável pelo time naquele dia percebeu a minha presença dizendo que tinha esquecido de me avisar que eu estava autorizada a entrar em campo, disseram para a arbitragem que eu era fotógrafa do time, então, no intervalo da partida eu entrei em campo.

Enquanto o jogo ainda não voltava, as crianças brincavam no campo e os jogadores conversavam sobre a partida, cobrando, uns dos outros, posicionamento e atenção na finalização da jogada ou então faziam exercícios para se manterem aquecidos, o técnico conversava com os torcedores que se aproximaram das grades do campo. No final do intervalo, o presidente do time se aproximou com duas sacolas grandes com garrafas de água e entregou para o time, pois a água que eles tinham acabou ainda durante o primeiro tempo.

A partida reiniciou com algumas mudanças no time e os jogadores que saíram de campo deixaram também o banco de reservas, permanecendo junto com os torcedores na sombra ao lado do campo. O técnico do time ficava distante do banco e pouco intervia no jogo, mas fazia muitas reclamações sobre a arbitragem, demonstrando profunda irritação com as marcações. As conversas no banco de reservas aconteciam geralmente em duplas ou trios e eram sobre assuntos diversos, em geral sobre suas vidas pessoais como trabalho, relacionamento e festas que tinham ido, em alguns momentos ouvi brincadeiras entre eles sobre estarem ficando famosos por darem entrevista, também ouvi conversas sobre os times de futebol que torciam, mas alguns ficavam em silêncio observando o jogo ou então usavam o celular, em alguns momentos de lances mais importantes eles faziam comentários sobre o jogo e tentavam orientar algum jogador em campo. O presidente do time, que permaneceu durante o segundo tempo próximo da grande, observava o jogo e conversava com o técnico do time e, por algumas vezes, quando queria cobrar atenção de algum jogador, perguntava para o técnico qual o nome do jogador antes de gritar para o campo, demonstrando não conhecer o time, apesar de ser presidente.

Após um lance de uma falta mais dura — o jogador adversário acertou com a mão o rosto de um dos jogadores do Favela, que se direcionava com a bola para a grande área — uma confusão entre os jogadores foi iniciada, principalmente porque a arbitragem não considerou que o lance aconteceu dentro da área, o que levaria a marcação de um pênalti, depois desse momento o jogo ficou mais tenso, com muitas faltas e algumas provocações do Favela para o outro time, inclusive do banco de reservas, pois o Sai de Baixo precisava da vitória e de uma combinação de resultados para se classificar para a próxima fase. Alguns momentos depois o Favela fez o primeiro gol da partida, o que deixou o jogo ainda mais tenso e faltoso, porém o Sai de Baixo conseguiu chegar ao empate e, mesmo tendo comemorado provocando o Favela, ainda não era suficiente para a classificação.

Conforme os minutos avançavam, o Favela fazia algumas provocações pontuais, principalmente quando algum conflito em campo aparecia, reforçando que o Sai de Baixo estava sendo eliminado da competição. O jogo terminou empatado e os jogadores do Favela

se parabenizaram pela classificação, sem uma comemoração com gritos e festa, repetindo o clima tenso do jogo, poucos jogadores do time adversário cumprimentaram os jogadores do Favela, o que é pouco comum na várzea, que geralmente tem um clima mais harmônico entre os times, principalmente após o fim do jogo. A torcida do Favela que estava presente naquele dia, também não fez nenhuma comemoração pela classificação do time para a próxima fase da competição, alguns jogadores foram parabenizados individualmente, provavelmente por amigos, conforme se direcionaram para o vestiário. Quando fui embora, ainda antes do próximo jogo iniciar, mais uma vez as crianças brincavam de futebol no campo sintético.

Anexo E — Quartas de Final da Liga de Futebol de Osasco

As quartas de final deste campeonato foi um momento marcante para a comunidade do Piratininga, os dois times da comunidade estavam classificados e jogariam um após o outro no mesmo campo, caso ambos vencessem seus jogos estariam classificados para a 1º divisão de Osasco, a elite do futebol de várzea osasquense. Diante desse cenário, assim que o lugar do jogo foi confirmado, iniciaram-se manifestações nas redes sociais convocando a torcida, tanto do Favela, quanto do Flamengo Piratininga, a comparecerem no Campo da Ford, no bairro do presidente Altino e disponibilizaram, em parceria com um vereador, dois micro-ônibus para a comunidade.

No dia do jogo, o Favela seria o primeiro a disputar a classificação para as semis contra o Resenha e, na sequência, o Flamengo jogaria contra o Nacadência. Ambas as torcidas chegaram juntas, vestindo roupas vermelhas e pretas — cores dos times — cantando, empunhando grandes bandeiras e tocando instrumentos de bateria, personalizados com o escudo do Favela. Enquanto o time, que já estava presente no local, se preparava no vestiário, a torcida se organizava na arquibancada e posicionava as faixas dos times em volta do campo.

O jogo do Favela foi relativamente tranquilo, o time fez um gol logo no início do jogo, o que fez com que a torcida se animasse mais ainda durante o primeiro tempo, o restante do tempo foi tranquilo, com a administração do resultado. No segundo tempo, outro gol aconteceu nos minutos iniciais e a torcida passou a acender sinalizadores e cantar provocações para a torcida adversária até o final do jogo. Com a vitória, Favela estava classificado para a 1º divisão de Osasco pela primeira vez em sua história.

Na sequência, o Flamengo entrou em campo e a torcida permaneceu exatamente igual, ninguém que estava com a camisa do Favela foi embora e ainda ganharam reforços, já os jogadores do Favela saíram de campo e se posicionaram ao lado dos torcedores, muitas vezes

com garrafas de cerveja, os jogadores cantavam as músicas, xingavam os juízes e adversários, eram torcedores. O jogo foi mais tenso do que o primeiro, o Flamengo fez um gol no início do segundo tempo, a partir desse momento, passou a administrar o resultado, fazendo muita cera, os jogadores caíam no gramado e um dos jogadores do Flamengo ficava jogando a bola propositalmente para fora dos limites do campo em direção ao estacionamento da loja Havan, ao lado, cada vez que isso acontecia a torcida comemorava como se fosse um gol e um jogador do Resenha tinha que pular o muro para resgatar a bola, já que sair da área do campo e entrar no estacionamento pela entrada levaria muito tempo. Devido a isso, um clima de tensão entre os jogadores aconteceu, principalmente quando o final do jogo se aproximava, faltas mais duras passaram a acontecer e provocações entre a torcida também, a torcida do Flamengo acendeu sinalizadores e intensificou as batidas da bateria.

Quando o juiz apitou o fim do jogo, concretizando a vitória e o acesso do Flamengo e, portanto, a classificação dos dois times da comunidade do Piratininga, uma festa absurda aconteceu: jogadores subiram no alambrado, alguns balançavam os bandeirões lá de cima, a torcida invadiu o campo, diversos sinalizadores foram acesos tornando impossível visualizar qualquer coisa além de fumaça vermelha, fogos de artifício foram lançados, parecia festa de final da libertadores, de um time que há muito tempo não ganhava. Quem ficou na arquibancada comemorava o acesso de ambos, nem pareciam lembrar que a semifinal seria entre eles, isso era conversa pra depois, no momento a coletividade e a euforia venceram, era uma vitória da comunidade.

Infelizmente o clima de festa foi parcialmente interrompido por uma confusão generalizada dentro de campo, jogadores uniformizados e torcedores brigavam, entre xingamentos e agressões físicas, ao fundo, a festa tentava continuar. Até o momento que deixei o campo da Ford, não consegui entender a motivação da briga, mas definitivamente, nada era capaz de tirar o sorriso do rosto dos moradores e jogadores do Piratininga, que já tinham destino certo após o jogo: churrasco na adega que patrocina o time.

Anexo F — Final da Liga de Futebol de Osasco

Na semifinal, que aconteceu no Estádio Municipal do Rochdale, Favela e Flamengo se enfrentaram, não pude participar pessoalmente pois o jogo foi realizado durante a semana, mas acompanhei pela transmissão no YouTube. O time do Favela venceu o clássico do Piratininga por 2x0 e se classificou para a grande final da 2ª divisão de Osasco.

A grande final, contra o Ideal, foi realizada mais uma vez no Estádio Municipal de Osasco, dessa vez no sábado. Mais uma vez houve convocação no Instagram do time, com 3

ônibus para a torcida do Favela, o 1º era reservado para a torcida organizada, o 2º para as mulheres e crianças e o 3º para a velha guarda. Cheguei ao estádio junto com a torcida organizada do Favela, que passou pela rua, a pé, cantando, tocando bateria e erguendo bandeiras, aos poucos foram se organizando nas arquibancadas, a torcida vermelha do Favela no lado direito da arquibancada e a torcida azul do Ideal ao lado esquerdo.

O jogo foi tenso e marcado por reviravoltas, o Favela abriu o placar logo no início do jogo, aos 9 minutos, a torcida cantava e acendeu os sinalizadores, também passaram a jogar muitos rolos de papel dentro do campo, o que fazia com que os jogadores, principalmente do Ideal, parassem para retirar o excesso. Perto do final do 1º tempo, o Ideal marcou o seu gol de empate, a torcida deles — que estava tímida até então, mesmo com as provocações da Torcida do Favela — comemorou pontualmente.

No 2º tempo, por um pênalti muito contestado pela torcida e jogadores do Favela, o time Ideal virou o jogo, ficando a frente do placar pela primeira vez, uma parte da torcida deles comemorou com maior empolgação, mas novamente diminuíram o ritmo quando o jogo retornou. Do outro lado, a torcida do Favela parecia se inflamar ainda mais, tentando incentivar o time em busca da vitória, sinalizadores eram acesos ao longo do jogo, mesmo que em pouca quantidade e com o time em desvantagem no placar. O jogo ficou tenso e, em dado momento uma confusão entre dois jogadores, após uma falta mais acirrada, ambos os jogadores foram expulsos. Aos 22 do segundo tempo o Favela empatou o jogo, a torcida do Favela comemorou e acendeu mais sinalizadores vermelhos, os jogadores foram até a torcida comemorar junto. Mesmo com o placar se encaminhando para as penalidades, a torcida cantou, vibrou, comemorou e jogou papeis em campo.

Com o empate, a final do campeonato foi decidida nos pênaltis. Em disputa tensa e acirrada, o Favela desperdiçou uma das cobranças, que o Ideal não perdoou, sendo consagrado campeão da 2º divisão de Osasco, nesse momento a torcida deles passou a entoar cantos de “É campeão” enquanto a torcida do Favela se lamentava por não ter conseguido a taça, mesmo com uma campanha invicta. Sinalizadores azuis foram acesos e gritos de provocação surgiram, após a torcida do Ideal ter permanecido em quase silêncio a partida inteira. Do outro lado, em meio a lamentações, a torcida do Favela criticava jogadores e relembrava, como uma compensação, que o time estava na 1º divisão pela primeira vez em sua recente história.

Anexo G — Tabela de Pré-Indicadores e Indicadores

PRÉ INDICADORES	INDICADORES
<p>ah, meu dia a dia no bairro é, é bem tranquilo. Aqui eu moro no Jardim Piratininga, é um bairro que não é tão grande, é um bairro pequeno</p>	<p>O bairro Piratininga</p>
<p>Conheço praticamente todo mundo. E aqui é, posso dizer que é um bairro tranquilo e um dia a dia favorável e tranquilo.</p>	
<p>Hoje tô com 26, então faz basicamente aí uns 14 anos que eu estou por aqui, 15 anos. E a minha relação com o bairro sempre foi boa, sempre foi tranquila. É uma comunidade bem tranquila, é uma comunidade apaixonada também pelo esporte, pelo futebol, como eu acho que todas as outras</p>	
<p>aqui no Piratininga, no futebol de campo mesmo, só tem dois times. E os dois times da comunidade que, se você perguntar, todo mundo conhece, aqui, todo mundo gosta desses dois times</p>	
<p>todo mundo foi, né? Tanto criança, tanto adultos, pessoas velhas, estava todo mundo acompanhando a gente e torcendo pela gente [na final de 2023]</p>	
<p>voltar [pro bairro] depois de de ganhar um título assim, né? Ver que a gente fez o nosso papel é, é gratificante, porque todo mundo fica agradecido, né?</p>	
<p>a comunidade para, né, quando se trata de futebol. É algo que mobiliza a comunidade, que mobiliza a favela</p>	
<p>moro aqui desde quando eu nasci. Tenho amizade com todo mundo</p>	<p>Amizades no bairro</p>
<p>Tenho amizade com as pessoas mais velhas, mais novas, a geração nova que tá vindo também.</p>	
<p>crisei praticamente junto com ele, né, do dono do Favela mesmo, a gente cresceu, é da mesma comunidade desde pequeno. Então, sempre a gente tá próximo, quando dá a gente tá próximo, em algum ambiente, mas é, eu cresci junto com ele, basicamente</p>	
<p>eu sempre vou estar na, dentro da comunidade, onde eu cresci, onde eu tenho amigos e famílias. Não é que eu ia me mudar daqui e</p>	

<p>abandonar aqui, né? Eu cresci aqui, não tem pra onde correr. E eu gosto, né, de estar aqui também com meus amigos.</p>	
<p>meus pais nasceram pobres, mas através do trabalho deles árduo, tipo assim, não vou falar que nós somos ricos, mas nós vivemos tranquilo, não vivemos mal. A gente tem uma casa boa para morar, nós temos os nossos carros, nunca passei fome, nunca passei dificuldade. Falar assim: "Nossa, eu passei dificuldade, eu sofri." Não. Eu não sou hipócrita de dizer isso, porque eu nunca passei, graças a Deus, mas isso é graças aos nossos pais.</p>	<p>A família</p>
<p>Meus pais que suaram, meus pais que correram atrás. Então, digamos que eu recebi só o, a picanha, né?</p>	
<p>Porque se você pega uma pessoa que mora numa comunidade e que os seus pais não são alfabetizados, não tiveram oportunidade de trabalho, oportunidade de emprego, você vai nascer e crescer tendo essa mesma dificuldade.</p>	
<p>Mas isso também não impede de você conseguir correr atrás e reverter esse processo. Mas é muito mais difícil, muito mais árduo.</p>	
<p>a comunidade para, né, quando se trata de futebol. É algo que mobiliza a comunidade, que mobiliza a favela. É algo que realmente move as pessoas, mexe com o coração, mexe que, mexe com o sentimento das pessoas</p>	<p>Mobilização na comunidade</p>
<p>quando a gente conseguiu, né, fazer esse feito de de subir e, naturalmente, é, ser campeão da terceira divisão de Osasco, toda a comunidade ficou feliz. e..., teve festa, churrasco, a gente parou a quebrada, para falar a verdade. Festa de um dia para o outro, praticamente</p>	
<p>através do esporte, você consegue mobilizar toda uma comunidade, entendeu?</p>	
<p>Ainda mais se tratando de dois times da mesma quebrada, porque o Flamenguinho e o Favela são praticamente do mesmo bairro. Então, realmente parou, mano, a comunidade.</p>	
<p>naquele dia mesmo em questão [quando jogaram no mesmo dia, em 2025], era as duas, era, tipo, uma torcida para os dois times, né?</p>	

<p>Porque é a mesma torcida para os dois times, todo mundo.</p>	
<p>A torcida do Favela vem fazendo em Osasco ultimamente, eles buscam fazer torcer com excelência, né? Eu vejo o pré-jogo deles, né? Tipo assim, todo mundo correndo atrás das coisas, aí vai buscar, vai comprar fogos</p>	
<p>Bateria, tudo. É uma correria legal, né? Que difícil você tá em Osasco ver, tá difícil ultimamente. São poucos times que têm bateria, que eles mesmo, eles postam, mandam vídeo pra gente lá no grupo, eles ensaiam dia de semana, véspera de campeonato. Então, eu acho que eles estão, tipo, fazendo acontecer mesmo.</p>	
<p>quando é mata-mata assim, tipo, das oitavas assim em diante, eles costumam a pegar um, dois ônibus aí pra poder levar o pessoal da comunidade</p>	
<p>faz uma parceria ali com os, com os vereadores né da comunidade. Vai, consegue esses ônibus, né? Porque como vai bastante gente, como a gente falou, né, para a quebrada, né, move, né, move a comunidade, né? O futebol realmente mexe com com a comunidade. Aí no Favela não é diferente, né? Então, realmente o pessoal lá leva muito a sério.</p>	
<p>só que o time do Flamengo era de uns pessoal da, mais assim, como pode dizer, tipo da velha guarda, né? Não gostava muito das coisas mais evoluídas, tipo, pessoal pra poder investir e tal.</p>	<p>Flamengo Piratininga</p>
<p>Agora que o Flamengo também tá, com a presidência nova, tá podendo fazer isso, tá conseguiu subir agora esse ano, mas o Flamengo mesmo ficou muitos anos na segunda divisão</p>	
<p>A divisão que tem é mais o pessoal que é mais antigo, né? Que cresceu no Flamengo, que o Flamengo tem, é desde 80, 70, por aí, eu não sei muito bem, mas é muito antigo.</p>	
<p>dois times da mesma quebrada, porque o Flamenguinho e o Favela são praticamente do mesmo bairro. Então, realmente parou, mano, a comunidade.</p>	<p>Relação Favela e Flamengo Piratininga</p>
<p>Até as cores são parecidas, né? Tem o vermelho ali.</p>	

<p>na verdade é que todo mundo, os dois times praticamente é é um time unido, né? Os donos do Favela jogava no Flamengo quando era pequeno, quando era mais novo, eu jogava.</p>	
<p>A gente mesmo que criou o Favela, a gente conseguiu subir primeiro que eles, né, da terceira pra segunda. E agora nesse ano, nesse último ano agora, a gente subiu os dois times juntos.</p>	
<p>mas a relação dos dois times aqui é muito amigável. Só não é amigável quando joga contra, mas de resto...</p>	
<p>existe [divisão no bairro entre o Favela e o Flamengo], mas é pouca, tipo assim, é praticamente a mesma torcida pro, pro mesmo, pros dois times, né?</p>	
<p>é, os mais jovens é a torcida dos dois. Tem mais jovem que é mais pro Favela, que tá no Favela mais em evidência ultimamente, mas é difícil, é torcida pros dois. Só quando jogou contra lá que dividiu um pouco, mas se você olhar, tinha mais pro Favela mesmo, os mais jovens.</p>	
<p>Torcedores de futebol em si, eu sou desde pequeno por conta da família. Minha família sempre gostou muito de futebol, essas coisas. A minha família toda praticamente é palmeirense. E, tipo, em relação a a torcer para o Palmeiras, minha família sempre se reunia dia de jogo, final de semana, casa cheia</p>	<p>Futebol paixão de infância</p>
<p>E eu levei isso pra pra minha família, né, trouxe pra minha casa, com minha mulher, meu filho, a gente para pra assistir final de semana. A relação de paixão, né, pelo futebol.</p>	
<p>Meu pai puxa um pouco para o lado do Vasco, né? Pelo fato de ele ter nascido no nordeste, né? Meu pai nasceu no Piauí. E tanto que meu nome, Bismarck, é oriundo de um jogador que foi profissional no final dos anos 80, início dos anos 90 aí. Era camisa 10 do do Vasco, fez história.</p>	
<p>querendo ou não, a gente já cresce meio que com com com esse amor, né, digamos, com essa, com essa identidade dentro da gente, né? é..., então eu cresci vendo meu pai ali torcendo pro Vasco, mas ele tem um carinho imenso pelo Palmeiras, e minha mãe fanática</p>	

<p>pelo Palmeiras. Sempre assisti jogos, tem camisa e tudo mais. Então, eu meio que cresci gostando desses dois clubes.</p>	
<p>Já fui em jogos. e..., quando eu era criança, né, eu fui no jogo do Vasco. e..., no do Palmeiras, mais recentemente eu fui, no Allianz. Tenho camisa das dos dois times, né? Os dois times que eu meio que amo assim,</p>	<p>Infância jogando bola</p>
<p>A gente cresce, né, já, né, com esse laço, eu acho que e..., não só eu e o Lucas aí, mas como praticamente o Brasil inteiro, né, é movido, né, pelo futebol, né? A gente diz que o Brasil é o país do futebol, então nada mais justo aí do que a gente crescer também tendo um time, né, sendo torcedor,</p>	
<p>Não só jogador, como a gente costuma dizer. Nós também temos nosso time de coração, também temos nossos ídolos e isso é bem, bem legal também.</p>	
<p>Jogo bola desde criança, por causa que eu cresci dentro de um campo, praticamente, né? O campo aqui do Flamengo, meu tio era caseiro do campo. Então, eu e meus primos, a gente cresceu jogando bola aqui no campo de terraço, né?</p>	
<p>Quando eu fui ficando mais velho, fui jogando nas escolinhas aqui do bairro,</p>	
<p>meu pai desde quando eu tinha 6 anos, é..., me colocou numa escolinha,</p>	<p>A tentativa de viver do futebol — A base</p>
<p>O nome da escolinha se chamava Multi Sport. Eu lembro até hoje, mesmo sendo muito cedo, né? Tenho pequenas assim, lembranças</p>	
<p>vim para Osasco aqui, comecei a jogar na escolinha do Tolentino Sports, joguei na escolinha do São Paulo, que era no centro de Osasco ali. Tolentino Sport era no quartel,</p>	
<p>quando eu fiz meus 16 anos, foi quando eu fiz praticamente a minha primeira peneira. Foi aonde eu passei e joguei por um ano no salão, né, do Pinheiros.</p>	
<p>em time mesmo, em base, eu joguei no Pinheiros, praticamente no salão um ano, depois fui para o campo, para tentar no campo, fiquei</p>	

<p>umas temporada no Mogi Mirim e também fiquei alguns meses no Audax aqui de Osasco mesmo.</p>	
<p>Meu primeiro clube foi, foi no Avaí de Santa Catarina. Joguei lá sub-15, né, sub-14, sub-15, fiquei lá praticamente dois anos</p>	
<p>eu fui dispensado, né? Vim novamente para São Paulo. é..., depois eu fui fazer um teste na Ponte Preta de Campinas. Também fui aprovado, fiquei lá durante um ano. Joguei lá na categoria do sub-17</p>	
<p>eu saí de lá e fui para o São Caetano, para jogar sub-18 e conseqüentemente a Copa São Paulo. Não deu certo de eu jogar a Copa São Paulo, né? Então acabei indo para fora</p>	
<p>Fui jogar em Portugal, fiquei seis meses, tive uma experiência de jogar fora do Brasil, né? Fiquei seis meses lá em Portugal, é...quando eu voltei, retornei, é..., eu já fui direto para o Desportivo Brasil, né? Desportivo Brasil, não sei se vocês sabem, é um clube que hoje é comandado por um, um clube chinês, que se chama Shandong Luneng Taishan</p>	<p>A tentativa de viver do futebol — Como profissional</p>
<p>É um time que tem uma grande estrutura, né?</p>	
<p>viajei pra China, viajei pra Irlanda. é..., depois que eu saí de lá, eu joguei a A3 do Paulista pelo, pelo Rio Branco,</p>	
<p>meu último clube foi o Barretos, né? Joguei a A3 do Barretos</p>	
<p>Profissionalmente eu nunca atuei, não, só base. E de lá para cá, tipo, completei 18 anos, comecei a trabalhar e parei de tentar ser jogador profissional.</p>	<p>Desistir do sonho de ser jogador profissional</p>
<p>ai já estava ficando velho, estava com 22 para 23 anos. é..., eu tive uma filha novo, né, com 19, então já estava pesando um pouco isso, a questão financeira minha não era boa dentro do futebol, né, falando. Então resolvi parar também, comecei a trabalhar.</p>	
<p>por eu ter chegado a jogar em alguns clubes, mesmo que pouco e que o time fossem pequenos, né, profissional, é um baque, né? Você cresce sonhando, né, em virar um jogador de expressão, né, ser bem remunerado e dar condições boas para sua família. E quando você vê que isso não vai acontecer, você fica meio que, né, não vou dizer sem chão, né, mas, mas dá aquele desânimo</p>	

<p>você vê que o futebol profissional ali meio que tá ficando de lado, tá ficando para trás, você se readequa, né? E às vezes, por você ser profissional, você tem um certo nome, né [na várzea]?</p>	
<p>Nunca deixamos de jogar Várzea, sempre jogamos</p>	<p>A várzea sempre esteve presente</p>
<p>Desde novo a gente já jogava, né? Né? Tipo, eu falei aqui, né, os clubes, tudo mais, mas nesse meio termo eu também sempre já jogava na Várzea aqui, desde novo, desde os 16, 17 anos</p>	
<p>a gente tem muitos que conciliam o clube que joga, tipo, joga base com o nosso time aqui.</p>	
<p>Mas tem muitos meninos que estão jogando nas categorias de base aí, até profissional e que ainda continuam jogando com a gente.</p>	
<p>na Várzea, o amor nunca acabou, a gente continua jogando até hoje, atuando. É, como eu falei, o meu última tentativa, acho que foi com 18 anos no profissional, e hoje eu tô com 26 e jogo bola praticamente toda final de semana até hoje</p>	<p>Na várzea o amor não acabou</p>
<p>aí eu ingressei para o mundo da Várzea, né? Aí na Várzea que as coisas também começaram a andar, né</p>	
<p>é uma outra saída, né, que a pessoa acaba encontrando, né?</p>	
<p>Você continua fazendo aquilo que você gosta e você é muito bem remunerado</p>	
<p>E treino para poder estar jogando também nos final de semana.</p>	<p>É necessário treinar para competir</p>
<p>Eu trabalho, só que treino também de vez em quando na semana para manter bem para poder jogar na Várzea, né? Se manter bem no cenário aí do futebol.</p>	
<p>Se você não se cuidar, vocês mesmo que estão assim um pouco no meio, vocês escutam as pessoas falando, né, que hoje em dia, se você não se cuidar, você não consegue se manter lá no topo, né, jogar em alto nível, em grandes clubes da Várzea, porque virou meio que um semiprofissional, né?</p>	
<p>nós estivemos juntos, né, nessa conquista</p>	<p>As amizades na várzea</p>

<p>Mesmo estando na base ou não. Sempre com aquele futebol com os amigos na Várzea no final de semana.</p>	
<p>antigamente você jogava mais futebol com os amigos, aí depois a Várzea foi se modernizando, né</p>	
<p>Tem aquele time que a gente joga pela amizade, a gente joga pelo carinho que nós temos pela pessoa.</p>	
<p>em relação a gente no vestiário, a gente faz, faz amizade muito rápido, a gente tem maturidade pra isso e todo mundo que chega, chega pra somar, vira amigos. Eu e o Bismarck mesmo, a gente já tem uma relação de amizade já não é de hoje, né? Já faz um tempinho que a gente tá jogando junto. E a gente não só no Favela, em outros times também a gente joga junto</p>	
<p>é uma relação boa de todo mundo. Todo mundo que chega, chega pra somar, pra dar certo.</p>	
<p>lá dentro da comunidade, né, do Piratininga, lá na, onde o Lucas mora, a gente costuma ir lá aos fins de semanas, dia de sexta-feira, né? Lá costuma ter, ter uma festa, né? Lá é um local que tem bastante bar, bastante, né, movimento. Aí, vira e mexe a gente combina, a gente tá lá, a gente se junta, a gente bebe, né, come, comemora, troca ideia, dá risada</p>	
<p>a gente tem uma relação assim, um pouco fora, tipo, extra-campo, assim, extra-futebol, sim</p>	
<p>alguns anos atrás, nós nos conhecíamos só de de longe, assim, né? De saber quem era um ou outro. Só que ele também acompanhava um pouco de futebol, ele já me conhecia, né? Por outras pessoas comentarem. E aí quando eu entrei pro Favela, né, a nossa relação foi se estreitando mais. E hoje a gente tem uma boa relação, a gente conversa constantemente.</p>	
<p>é uma relação assim, que também começou no futebol, mas acabou saindo, né? Virou, virou extra-campo, né? Como eu disse da, de nós sair e tudo mais. É uma amizade que a gente vai ter, mesmo se a gente parar, mesmo se o time um dia acabar, essa amizade vai permanecer</p>	

<p>A gente é muito amigo do, do presidente, do técnico, da comissão, dos próprios jogadores que são de lá, que alguns são de lá da comunidade</p>	
<p>cresci praticamente junto com ele, né, do dono do Favela mesmo, a gente cresceu, é da mesma comunidade desde pequeno</p>	<p>A modernização da Várzea</p>
<p>antigamente você jogava mais futebol com os amigos, aí depois a Várzea foi se modernizando, né? Um time de amigo já começou a ser um time mais, tipo, competitivo, até se tornou hoje que tá completamente competitivo, né? O pessoal trazendo jogador de fora, trazendo jogador de outros lugares para poder aprimorar o seu time.</p>	
<p>Mas o bom da Várzea, como o Lucas falou, é que, é..., nos últimos anos vem crescendo assim, imensamente. Não vou nem dizer financeiramente, mas em questão de estrutura mesmo, as organizações, é..., transmissões, é..., coberturas, né? Você vê que hoje, em toda rede social, você vê a Várzea, né, acontecendo.</p>	
<p>nos mantém, né, mantém aquela, aquela, aquele fogo, né, aceso, aquela chama acesa, tipo, dentro de nós, né? A gente continua competindo em alto nível, como o Lucas falou, hoje em dia é bem competitivo, né, meu, a Várzea.</p>	
<p>se você não se cuidar, você não consegue se manter lá no topo, né, jogar em alto nível, em grandes clubes da Várzea, porque virou meio que um semiprofissional, né?</p>	
<p>Hoje em dia a Várzea tá bem competitiva, tem grandes jogadores em todo canto de São Paulo. Então, realmente, faz com que a gente continue se cobrando, continue se dedicando, mesmo na época de quando a gente jogava nos clubes.</p>	
<p>hoje em dia eles buscam a ter uma organização basicamente igual do profissional, né? Busca fazer campeonatos modelos, copiando o profissional, jogos mata-mata, é..., arbitragem, eles tentam melhorar a cada dia.</p>	
<p>eles tentam transmitir os jogos, né? Em, no YouTube. Eles tentam padronizar para que seja um espelho do profissional</p>	

<p>Nos últimos anos a organização tem melhorado muito. é..., não só em questão de estrutura, né, mas qualidade em si.</p>	
<p>Tanto no, na qualidade dos campos, né? Antes era terrão, hoje a maioria são gramados society, eles, eu acho que ajuda, né, o espetáculo um pouco, né, do jogo. E as organizações hoje são bem mais rígidas, né, do que antigamente. Antigamente a gente costuma dizer que era Várzea raiz, né? Várzea, Várzea. Hoje em dia não. Tem organização, tem questão de horário, é..., tem questão de inscrição, documentação dos atletas para poder jogar, estar apto para o jogo</p>	
<p>Até questão de punições também, seja ela de torcida, de jogadores. Então, você vê que realmente é uma estrutura, uma organização séria, né? Por mais que seja Várzea, é..., toda a comunidade ali, né, do futebol tá se readequando a isso, tá procurando sempre evoluir, sempre melhorar e isso é bom, é bom para todos, né? Bom para quem joga, bom para quem assiste, bom para, bom para os times, bom para as torcidas, bom para quem organiza. É bom para todos.</p>	
<p>a Várzea hoje tá, tá a milhão. Eu também prefiro. Até porque também não vou ser hipócrita de dizer que eu peguei a Várzea raiz, né? Como nós somos novos, né? Eu acho que a gente não pegou ainda essa época raiz, raiz, né? Mas você vê que hoje, igual eu falei, agora a qualidade, meu, é de tudo, né, em geral, é, eu acho muito melhor.</p>	
<p>Então, muitos times hoje investem, né, dão o seu melhor ali, é..., por um campeonato, né, por apenas pelo troféu, apenas pelo status, né? E que isso quem faz acontecer somos nós jogadores.</p>	
<p>A remuneração, cara, sempre existiu, para falar a verdade, tá? É que, é que antes só não era escancarado como é hoje.</p>	<p>A remuneração na várzea</p>
<p>também não tinha internet. Hoje a internet ajuda a expandir, né, isso com muita facilidade. Mas a remuneração sempre existiu. Claro que dentro da sua realidade naquela época, mas, mas hoje, pô, a remuneração realmente ajuda muito</p>	
<p>tanto que a gente conhece histórias de vários jogadores que vive somente da Várzea. É bem remunerado, né? E que é bem reconhecido. Então, com certeza, a remuneração também, a gente não pode ser hipócrita de dizer que não é boa, que não é importante.</p>	

<p>Tem jogador profissional abandonando, abandonando o profissionalismo para virar jogador da Várzea.</p>	
<p>quando você tem um certo nome, né, você, é muito mais fácil de você encontrar times na Várzea que te querem, que te pagam bem por isso</p>	
<p>Você continua fazendo aquilo que você gosta e você é muito bem remunerado</p>	
<p>hoje em dia ainda tô recebendo para poder jogar no time que é da minha comunidade, né? Então, o Favela para mim é, é um clube que eu amo mesmo, que eu gosto bastante.</p>	
<p>a gente não recebe em todos os times, né? Às vezes a gente fala, né, que a gente é remunerado, mas é bom frisar que nós não recebemos em todos os times.</p>	
<p>se for parar pra pensar bem, a várzea hoje em si, pros donos de time, não tem tanto retorno, sabe, financeiro. Mas tem um retorno sentimental, né, cara?</p>	
<p>Quando eu jogo bola, eu quero jogar, dar o meu máximo, independente do que for, né? Se for uma brincadeira, se for um campeonato valendo.</p>	<p>Quero competir e ganhar</p>
<p>Mas pra mim o futebol, em qualquer outro lugar que eu vou, eu quero ganhar e não, não dou muita diferença, não. Ah, hoje eu vou tirar o pé, hoje eu não vou. Se eu tô jogando, eu quero jogar o 100% do meu futebol.</p>	
<p>Acho que todos têm ambição</p>	
<p>Começamos a jogar amistoso, de amistoso, jogou uma copinha, aí começou a jogar uma copa maior, uma competição mais forte. E aí você, né, começa a almejar grandes coisas. E em relação a jogar, assim, eu penso como o Lucas, eu quero ganhar sempre. Sou sempre competitivo, seja qualquer camisa, seja ganhando dinheiro ou não</p>	
<p>sempre vai ter um time ou outro ali, né, que você vai ter um apreço maior. Só que a vontade de vencer, tipo, de ganhar, de competir, de dar o seu melhor é em todos os times.</p>	

<p>o sentimento que a gente, que eu tenho mesmo é o de poder competir, né? O sentimento bom de poder estar competindo ainda, de poder estar brigando por alguma coisa, por estar ganhando um título, pra poder trazer um título pra comunidade, o status de campeão</p>	
<p>o que sobressai aí é a vontade de querer, né, mostrar que a gente tá podendo competir, tá podendo ser campeão</p>	
<p>Acho que a resposta aí de qualquer outro jogador aqui, a não ser a minha do Lucas, seria a mesma, né? É vontade de competir mesmo, de de se manter jogando, se manter em alto nível, né, vencendo, né?</p>	
<p>é todo time que eu vou jogar, né, seja recebendo ou não, seja o meu time do coração ou não, eu quero fazer história. Quero vencer, né? Sou muito competitivo. Então, essa relação da gente assim com a várzea, né, com as copas, o campeonato é de querer vencer mesmo</p>	
<p>a gente ter essa relação com com os campeonatos, né, da Várzea, a gente quer vencer porque a gente quer fazer história</p>	
<p>é todo time que eu vou jogar, né, seja recebendo ou não, seja o meu time do coração ou não, eu quero fazer história. Quero vencer, né? Sou muito competitivo</p>	
<p>o sentimento que a gente, que eu tenho mesmo é o de poder competir, né? O sentimento bom de poder estar competindo ainda, de poder estar brigando por alguma coisa, por estar ganhando um título</p>	
<p>sempre quando eu ando por aqui e tal, o pessoal sempre me pergunta e estão sempre conversando sobre o futebol e sobre esses times daqui da comunidade. Aonde eu passo aqui, o pessoal sabe que eu jogo lá, né, que eu sou o jogador desses dois times, e eu tenho uma admiração, né, do pessoal por causa disso.</p>	<p>O reconhecimento por onde passa</p>
<p>voltar depois de de ganhar um título assim, né? Ver que a gente fez o nosso papel é, é gratificante, porque todo mundo fica agradecido, né? Quem gosta do time, alegre, parabeniza a gente pelo que a gente fez. E a gente é bem tratado aqui</p>	

<p>Do ano passado para esse ano, nós conseguimos novamente o acesso, tanto da segunda para a primeira divisão. Então a gente recebe um tratamento muito grande. é, como eu disse antes, na apresentação, é... a comunidade para, né, quando se trata de futebol</p>	
<p>quando a gente conseguiu, né, fazer esse feito de de subir e, naturalmente, é, ser campeão da terceira divisão de Osasco, toda a comunidade ficou feliz. e..., teve festa, churrasco, a gente parou a quebrada, para falar a verdade</p>	
<p>o sentimento é muito grande, é gratificante, é, é emocionante você saber que ficou marcado assim, né, tanto na história do do time, quanto para comunidade também, para as pessoas, o reconhecimento, tudo mais, é bem legal.</p>	
<p>A gente já tem uma certa história, né, dentro do time, por alguns feitos, né, alguns títulos, algumas boas campanhas. Então a gente tenta sempre prezar por isso, né? Tentar manter isso durante os outros anos, né? Que é, que é muito importante.</p>	
<p>o sentimento que a gente, que eu tenho mesmo é o de poder competir, né? O sentimento bom de poder estar competindo ainda, de poder estar brigando por alguma coisa, por estar ganhando um título, pra poder trazer um título pra comunidade, o status de campeão</p>	
<p>é todo time que eu vou jogar, né, seja recebendo ou não, seja o meu time do coração ou não, eu quero fazer história. Quero vencer, né? Sou muito competitivo. Então, essa relação da gente assim com a várzea, né, com as copas, o campeonato é de querer vencer mesmo, de de ser lembrado, de levar alegria para as comunidades, não só do Favela, como das outras, né?</p>	
<p>você levar o troféu pra sua comunidade, pra sua quebrada, vestindo a camisa do seu time do coração, né, pra quem é da comunidade, é, vale mais do que qualquer dinheiro, vale mais do que qualquer, do que qualquer custo.</p>	
<p>Então, muitos times hoje investem, né, dão o seu melhor ali, é..., por um campeonato, né, por apenas pelo troféu, apenas pelo status, né? E que isso quem faz acontecer somos nós jogadores</p>	

<p>a gente ter essa relação com os campeonatos, né, da Várzea, a gente quer vencer porque a gente quer fazer história</p>	
<p>como nós somos, como eu falei, né, somos bem reconhecidos aqui, somos conhecidos nas nossas regiões, né, por jogar futebol e tudo mais. é..., ele queria contar com a gente, né? Pela nossa índole também, né, fora de campo e tudo mais</p>	
<p>Hoje, graças a Deus, eu conquistei, né, entre aspas assim, um nome legal na Várzea, né? Um reconhecimento legal. E muito se dá, muito por conta desse campeonato</p>	
<p>por eu ter se tornado campeão, é..., foi uma competição que me deu bons frutos futuros, né, futuramente.</p>	
<p>tenho um reconhecimento fora do trabalho, tem gente que conhece e sabe onde eu jogo, onde eu já joguei, né? Que sempre tá querendo saber aonde a gente vai jogar no final de semana, pra tá, pra poder tá acompanhando. Então, é um, eu tenho uma relação muito boa que eu tenho com o futebol da Várzea aqui, me fez ter um pouquinho de nome, né, fora dela. Ter um reconhecimento, conhecimento. Muita gente me conhece por causa do futebol de Várzea, né?</p>	
<p>Você passa em algum lugar, o pessoal fala: "Ah, você que joga lá em tal time?" E tal, "jogo". Então, uma relação boa que deu conhecimento pra gente fora do, do cenário do futebol, né? Fora da Várzea.</p>	
<p>às vezes até um tratamento um pouco diferente, né, do que as pessoas em comuns assim, que não jogam, por exemplo. Digamos assim. é..., não que nós sejamos melhores que alguém ou piores, não. Para mim não temos diferença nenhuma. Só que eu, particularmente, percebo muito que por eu jogar, por eu ser, tipo, reconhecido, como o Lucas falou, que ele também é, a gente vê que às vezes até o tratamento é um pouco diferente, ou a pessoa te trata um pouco melhor, sabe?</p>	
<p>eu vou no trabalho, as pessoas sabem que eu jogo, me acompanham. Eu vou na rua, no dia a dia, é..., vou no almoço em família, as pessoas sabem que eu jogo, perguntam aonde eu joguei, se eu ganhei, se eu perdi, né? Então, eu costumo dizer que o futebol tem</p>	

<p>muita influência, cara. Tem muita influência. é..., não só na família, não só no trabalho, mas principalmente no tratamento, né</p>	
<p>Você é bem tratado, você é bem respeitado. Ainda mais se você for um cara educado, for um cara que tem uma boa índole, você vê que você é muito bem tratado assim, às vezes até de forma diferente do que uma outra pessoa que normal, trabalha, tem a sua vida, seu dia a dia, mas não joga, sabe</p>	
<p>geralmente, como eu falei, né, a gente vai lá curtir, a gente costuma beber juntos lá e tudo mais. Um exemplo bem, bem, tipo assim, fútil, mas você vê que é diferente. é..., eu chego lá, daí, eu cumprimento, tipo, os meninos. é..., muitas pessoas faz questão de vir até a mim, às vezes eu nem conheço a pessoa “Ou, você é o Bismarck? Você é aquele menino que joga bola? Você joga aqui no Favela e tudo mais?” Falo: "Sou."</p>	
<p>chega e me fala assim: "Vem tomar uma, eu pago." A pessoa faz questão de ir lá e pagar.</p>	
<p>parece que um carinho especial, sabe? Um reconhecimento</p>	
<p>Você chega, você para o lugar. O Lucas sabe, a gente chega lá na favela, todo mundo sabe. Ó, chegou aí, por exemplo, o Bismarck, jogador. Ó, o Bismarck hoje tá com o José, lá, os dois jogadores do Favela. O pessoal vai lá, faz questão de cumprimentar, quer pagar alguma coisa para você, quer te tratar bem. “Ou, posso ficar aqui?”, “Ou, vamos tirar uma foto?”.</p>	
<p>E às vezes tem uma pessoa, como eu falei, um exemplo, eu levo um primo meu lá, normal, ele não é tratado dessa forma, sabe? Não é maltratado, mas não é tratado da forma que eu fui, sabe?</p>	
<p>já aconteceu de eu ir em outras regiões onde às vezes eu não conhecia praticamente ninguém, né? As pessoas me conheciam</p>	
<p>Já aconteceu de eu estar com um amigo meu que é muito mais influente, digamos assim, esportivamente, né, naquela região, que já jogou lá, tem um reconhecimento maior do que eu. Então, eu vejo a pessoa sendo muito bem tratada e eu sendo tratado, tipo assim, não maltratado, mas sendo apenas por educação, né, por estar junto com a pessoa</p>	

<p>é um menino, né, que ele é bem, tipo, ele é meio que famoso assim, a gente diz nas redes sociais, né, ele é, ele é jogador de futsal. E ele é muito influente aqui nas nossas regiões e até fora. Então, várias vezes a gente já saiu com ele e ele, ele é a celebridade no caso, né, no sentido, né, figurado. E a gente é apenas o coadjuvante ali</p>	
<p>A gente sai para jogar em vários lugar. Tem reconhecimento em outras comunidades, outros times. A gente chega, a gente é bem tratado.</p>	<p>As conquistas na várzea</p>
<p>eu acho que a gente tem um certo, um certo reconhecimento, mesmo das pessoas que são de fora, porque, como eu comentei anteriormente, né, o futebol, ele consegue quebrar esferas, né? Então, por mais que a gente ande num local que as pessoas não sejam inseridas dentro do futebol, as pessoas têm um apreço, né?</p>	
<p>[2023] foi um ano muito marcante aqui, né? Fazia tempo que os times daqui não ganhavam nada assim de expressão. E a gente conseguiu conquistar a terceira divisão e o acesso para segunda com a camisa do nosso time aqui do bairro.E foi uma marcante aqui, porque todo mundo foi, né? Tanto criança, tanto adultos, pessoas velhas, estava todo mundo acompanhando a gente e torcendo pela gente.</p>	
<p>voltar depois de de ganhar um título assim, né? Ver que a gente fez o nosso papel é, é gratificante, porque todo mundo fica agradecido, né? Quem gosta do time, alegre, parabeniza a gente pelo que a gente fez. E a gente é bem tratado aqui.</p>	
<p>Fazia muitos anos que que nenhuma das equipes conquistava realmente um título ou até um acesso, né? Nós conseguimos esse feito. é..., no ano seguinte, né, do ano passado para esse ano, nós conseguimos novamente o acesso, tanto da segunda para a primeira divisão.</p>	
<p>esse elenco, tipo, graças a Deus, né, é..., deu bons frutos, que foi aonde a gente foi campeão, subiu de divisão.</p>	
<p>Já ganhei outros campeonatos também, mas por ser um dos primeiros e o mais importante assim pro, no campo com um time aqui da minha comunidade, para mim é esse daí. Foi o primeiro do, do Favela no campo, né?</p>	

<p>a Copa se chama Copa CDM. Foi uma copa que foi bem especial para mim, porque foi na época da pandemia. E foi aonde abriu muitas portas para mim, cara. Hoje, graças a Deus, eu conquistei, né, entre aspas assim, um nome legal na Várzea, né? Um reconhecimento legal. E muito se dá, muito por conta desse campeonato.</p>	
<p>por eu ter se tornado campeão, é..., foi uma competição que me deu bons frutos futuros, né, futuramente.</p>	
<p>a criação do Favela surgiu em meio a, quase... basicamente a uma homenagem, né? De um, um amigo nosso de infância que chegou a falecer, que gostava muito de jogar futebol. Aí a gente fez praticamente um jogo beneficente. E depois disso, a gente, praticamente, pegou um gosto de jogar toda semana. A gente pegou um horário na quadra aqui e falou: "Ah, vamos jogar toda semana aqui e vamos criar um time pra gente jogar aqui, né?"</p>	<p>A criação do Favela Piratininga</p>
<p>o time era para ser para jogar só na comunidade mesmo, não jogar campeonatos, tal, só jogar amistoso aqui e tals. Aí o, o dono do time, que é o presidente lá, ele falou que ia mandar fazer os uniformes. O nome do time, ele fez Favela, né? Porque a gente mora aqui numa comunidade, que é considerada uma favela. E ele quis levar o nome da, da favela para ser o nome do time.</p>	
<p>a gente pegou o gosto pelo time e foi evoluindo cada vez mais. Começou a jogar só amistoso, depois passou para jogar campeonatos de quadra, que a gente também foi campeão de uns campeonatos aqui do bairro.</p>	
<p>E de lá, o, a gente quis evoluir, né? Sair da quadra e migramos para o campo. E aí a gente começou a jogar a terceira divisão, né? Que quando você migra para o campo, você começa da última divisão. E aqui de Osasco é a terceira. É, e foi assim que a gente foi criado, praticamente, né? E estamos até hoje tentando manter o time aí.</p>	
<p>o pessoal do Favela, que criou o Favela, queria um time pra ser competitivo, pra poder investir, né? Pra tá onde tá no cenário da da Várzea hoje em dia.</p>	
<p>O nome, ele escolheu, né, por causa da comunidade, como eu disse. A cor é porque ele é são-paulino, eu acho que ele quis trazer as cores</p>	

<p>do São Paulo. O escudo foi desenhado por um menino que é daqui da comunidade. Ele desenhou um menino sentado num, num caixote com uma bola e a comunidade atrás dele, né? O menino que desenhou aqui, que ele é até tatuador, desenha muito bem, ele que desenhou o símbolo.</p>	
<p>o time do Favela iniciou no futsal, né? Só que esse dono de time sempre gostou mais de campo, né? Que é o Rogério⁹, ele sempre foi mais fã, né, de jogar campo. E ele queria montar uma equipe, né?</p>	
<p>Ele [dono do time] falou que ia montar um time competitivo, queria, queria crescer, né, queria subir de divisão, né, com, com o Favela.</p>	
<p>é claro que no Favela é especial, como a gente falou, pela amizade, né, pela história que nós estamos criando lá, lá dentro. A gente leva muito a sério, né, o projeto</p>	<p>O sentimento de jogar no Favela Piratininga</p>
<p>Por conta de eu morar no bairro onde o time foi fundado, ser praticamente o primeiro jogador do time que foi fundado, né, que eu ajudei a ser, a criar o time praticamente. Jogo desde, no Favela desde quando começou, que a gente começou na quadra</p>	
<p>para mim é gratificante, é um time que eu vou levar para o meu coração para todo lugar. Um time que eu ajudei a fundar, que eu joga, que eu joga desde quando começou</p>	
<p>hoje em dia ainda tô recebendo para poder jogar no time que é da minha comunidade, né? Então, o Favela para mim é, é um clube que eu amo mesmo, que eu gosto bastante.</p>	
<p>a gente tem um carinho, a gente cria, né, uma identidade, como nós costum-, como a gente já falou aqui, né? Por estar lá há muito tempo, por conviver com as pessoas que, que são do time, né?</p>	
<p>A gente é muito amigo do, do presidente, do técnico, da comissão, dos próprios jogadores que são de lá, que alguns são de lá da comunidade. Então, é bem especial, mano, é bem especial. A gente já tem uma certa história, né, dentro do time, por alguns feitos, né, alguns títulos, algumas boas campanhas. Então a gente tenta sempre prezar por isso, né? Tentar manter isso durante os outros anos, né?</p>	

⁹ Nome alterado para manter o anonimato

<p>é lógico que jogando pelo o time aqui da minha comunidade, pesa, você tem mais uma pressão.</p>	
<p>o sentimento é muito grande, é gratificante, é, é emocionante você saber que ficou marcado assim, né, tanto na história do do time, quanto para comunidade também, para as pessoas, o reconhecimento, tudo mais, é bem legal.</p>	
<p>Tem muita gente que chega nova, né? Que a gente nem conhece, que vem por, ah, fulano indica, né, pessoas comentam que tem jogador, a gente, o pessoal avalia se dá pra trazer ou não</p>	<p>Os jogadores — A base do time e os novos</p>
<p>cada campeonato chega sempre uma peça diferente para poder estar somando com a gente</p>	
<p>A gente tenta manter a mesma base praticamente e traz dois, três pra poder estar somando e ajudando mais ainda, né?</p>	
<p>o Favela sempre manteve uma base, como o Lucas falou, sim. é..., só que eu, a, é, essa competição que nós estamos jogando agora, que é a Copa Mundo de Oz, que eu comentei com vocês, que a gente joga sábado lá na Ford, acho que essa foi a primeira copa assim que mudou bastante jogadores.</p>	
<p>nessa competição em específico, mudou, acho que uns 70% pelo menos do elenco foi alterado. Mas foi algo que foi necessário assim, né? Da mesma forma que ciclos, é..., se iniciam, também encerram, né? E veio outros jogadores. Só que essa base que já é um pouco mais de dentro, né, como que é o Lucas, sou eu, tem o Beбето¹⁰, que é outro menino que é da comunidade também aí.</p>	
<p>tem pelo menos uns seis ali que sempre estão, tipo, que não vão sair [do time], sabe? A não ser que o dono do time fala assim: "Ó, não quero você mais".</p>	
<p>como a gente já se conhecia, né, de eu ouvir falar um do outro, um dia a gente se reuniu e ele fez essa proposta, né, da gente entrar pro time dele</p>	

¹⁰ Nome alterado para manter o anonimato

<p>Nos alinhamos ali e conseguimos, né, é..., fechar, né, tipo, essa parceria. é..., e ajudamos, né, também a trazer alguns jogadores pra montar o elenco.</p>	
<p>Eu me considero [periférico], eu sempre morei, é, eu nasci, fui criado e resido numa comunidade, né? Então não tem como, não tem pra onde fugir</p>	<p>Ser periférico</p>
<p>A gente sempre chama de comunidade aqui, tanto eu quanto o Lucas. A gente se considera, sim [periféricos].</p>	
<p>eu tenho orgulho sim de morar na comunidade. A comunidade onde eu cresci, onde eu nasci, né? Eu sempre vou ter orgulho de falar que eu moro no Jardim Piratininga. Mas é claro que se eu tivesse condições, eu, eu tenho uma filha, eu lógico que eu ia pra um lugar melhor, uma casa melhor. Não reclamando que a minha é ruim, né? Eu tenho minha casa própria, graças a Deus. Mas é lógico que eu não, eu ia tá num lugar melhor. Tipo, numa casa melhor, né? Pra dar uma qualidade de vida melhor pra minha família.</p>	
<p>eu sempre vou estar na, dentro da comunidade, onde eu cresci, onde eu tenho amigos e famílias. Não é que eu ia me mudar daqui e abandonar aqui, né? Eu cresci aqui, não tem pra onde correr. E eu gosto, né, de estar aqui também com meus amigos.</p>	
<p>Tenho muito apreço por onde eu moro aqui e nas regiões vizinhas também. Me sinto bem.</p>	
<p>Vive num lugar melhor, acha que o, a pessoa que vive num lugar inferior não tem capacidade de ser ou ter a mesma educação igual a dela. Isso aí sempre teve e acho que sempre vai existir</p>	
<p>Ah, passar a gente já sempre passa, né [por situações de exclusão]? Por você ser, morar na periferia, outras coisas, mas é difícil. Difícil. Eu mesmo, a gente, eu sei chegar e sair de qualquer lugar, sei entrar,</p>	<p>Discriminação Social</p>
<p>Acho que isso de exclusão social assim, não me recordo não, de ter passado por isso. Até porque o ambiente, né, que nós, em que nós vivemos, assim, né, é, digamos que, é basicamente parecido com o nosso, sabe? Em relação à sociedade, assim, comunidade.</p>	

<p>Se você ser pobre, favelado e preto, sempre vai ter um preconceito, um, um olhar meio torto, mas eu mesmo sou uma pessoa que eu não, não me apego nessas coisas, né? Eu sigo minha vida, não ligo para a opinião de ninguém, eu vivo tranquilo. Discriminação dentro da comunidade sempre vai ter, sempre que passou uma viatura ou não, para eles, todo mundo é ladrão, até que prove o contrário.</p>	
<p>acho que é um pouco mais difícil, né, quando você está em lugares que é parecido com o que, da onde você reside, da onde você mora, né? É mais difícil disso acontecer [discriminação].</p>	<p>Racismo</p>
<p>Eu acho que também tá muito atrelado a, a nossa, a nossa raça, né? Aí eu já vou entrar um pouquinho, né, na parte de, né, tipo, do racismo, digamos assim</p>	
<p>o Lucas é, tipo, é um homem preto, sabe? Então, acho que é muito mais fácil ele, é..., ter recebido esse certo tipo de olhar, desconfiança, do que eu, que sou um cara, tipo, pardo, normal, não aparento ser, sabe, essa pessoa. Isso vai muito, na verdade, das outras pessoas do que de si mesmo. Então, eu acho que isso tem muito, muito a ver sim com a questão racial, cara.</p>	
<p>Eu acho que se eu andasse lá e algum, qualquer um de vocês dois andasse [por serem retintos] seria uma forma diferente de olhar. Isso aí eu posso dizer que é fato. Sabe? Só por conta da, do nosso tom de pele.</p>	
<p>isso aí tem, tem em todo lugar [racismo]. O pessoal que, que ganha mais, sempre discrimina quem ganha menos, né? Por conta da sua condição financeira. Às vezes não é nem por causa de cor, às vezes é por conta das condições financeiras, né? Vive num lugar melhor, acha que o, a pessoa que vive num lugar inferior não tem capacidade de ser ou ter a mesma educação igual a dela. Isso aí sempre teve e acho que sempre vai existir.</p>	
<p>você vê que, que a questão racial está inserida em todos os fatores, em todos os cantos, né? é..., por exemplo, eu acho que na TV Cultura, 70% das pessoas são brancas que trabalham lá, né? E não que as pessoas brancas sejam melhores ou que as pessoas pretas</p>	

<p>sejam piores. Mas você vê que realmente tem essa diferença na questão social, né, mano?</p>	
<p>isso aí já vai em todos os âmbitos, né? Setores, né? A gente pode dizer. Mas em questão de tratamento, tratamento, não. Nunca vi, graças a Deus. E até porque se eu visse, eu ia repreender, né? Porque eu não admitiria isso de uma pessoa tratar uma pessoa mal, pior. Mas em questão de condições, né? Acontece com frequência. A pessoa branca vai ganhar mais, vai ter uma certa regalia mais do que uma pessoa preta.</p>	
<p>fora do futebol, você pode ainda ser muito bem reconhecido pela pessoa que você é, né? Então, eu acho que, pelo menos no meu lado, eu me considero bem reconhecido pelas pessoas, também de fora do futebol, justamente por isso. Pela minha índole, por ser uma boa pessoa, ser um cara educado, ser um cara gente boa, ser um cara honesto.</p>	<p>Fora do futebol o reconhecimento é pelo caráter</p>
<p>você tem um certo reconhecimento pela pessoa que você é, né? Pela aquilo que você faz, né? Seja no trabalho, né? Seja no dia a dia.</p>	
<p>Você é bem tratado, você é bem respeitado. Ainda mais se você for um cara educado, for um cara que tem uma boa índole</p>	

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada “O futebol de várzea como espaço de enfrentamento das desigualdades sociais”, sob a responsabilidade de Clarice Aparecida Silva Santos sob a orientação da/do Prof. Dr. Marcio Farias. O objetivo é analisar a função do futebol de várzea no enfrentamento da desigualdade social a partir das experiências individuais e coletivas vivenciadas pelos jovens que participam do cotidiano dos times, a partir da coleta de dados realizados por meio de grupos de discussão.

O instrumento de realização será a formação de um grupo de discussão, que seguirá os princípios científicos éticos adequados. O grupo consiste em um diálogo, entre os jogadores, mediado pela pesquisadora, um roteiro com temas potenciais será previamente organizado, mas poderá sofrer modificações durante a discussão, caso seja necessário.

Dado o caráter privado das informações do grupo, este termo assegura o sigilo quanto a sua identidade, sendo adotado nomes fictícios no momento de análise do trabalho. O conteúdo sonoro da entrevista será gravado e transcrito, com a finalidade de dar apreciação fiel de seu conteúdo, sendo mantido protegido por um período de 5 (cinco) anos pela pesquisadora em um drive seguro. Dessa forma, a pesquisa cumpre as exigências referentes ao sigilo e aspectos éticos conforme instituído na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) para pesquisa envolvendo seres humanos.

Quaisquer danos previsíveis serão evitados e será mantido o respeito e a privacidade durante a coleta e análise de dados. No entanto, durante a participação no grupo, você pode se sentir desconfortável com alguma temática que surgir na conversa. Neste caso, você pode optar por não participar da discussão deste tema, sair do grupo por alguns minutos ou desistir

da sua participação sem sofrer qualquer penalidade. Em todo o processo, nos comprometemos a fornecer qualquer assistência necessária em decorrência dos procedimentos da pesquisa, sempre respeitando a sua decisão.

Esta pesquisa não oferece compensação financeira ou benefício direto pela participação. Assim, pode abandoná-la se assim o desejar, sem sofrer qualquer prejuízo. Quaisquer despesas para a coleta de dados serão custeadas pela pesquisadora, não havendo qualquer forma de oneração aos participantes.

Os benefícios do presente estudo somente serão obtidos depois da análise e discussão dos dados angariados. Diante da escassez científica a respeito da temática, os resultados poderão complementar a compreensão dos sentidos que o futebol de várzea tem para os jovens que o praticam e se o futebol de várzea atua no enfrentamento das desigualdades sociais. A partir disso, nos comprometemos em garantir o máximo de benefícios possíveis.

O contato com os resultados deste trabalho, bem como qualquer dúvida durante o andamento da pesquisa, poderão ser obtidos, caso desejar, entrando em contato com a pesquisadora Clarice Aparecida Silva Santos pelo e-mail: claricesantos106@gmail.com.

Os responsáveis pelo presente projeto são a aluna Clarice Aparecida Silva Santos e o Prof^o. Dr. Marcio Farias da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, instituição a que estão vinculados em relação à pesquisa. Qualquer dúvida que você tiver poderá ser suprida entrando em contato com a pesquisadora Clarice pelo número de celular: (11) 95152-1243, ou com a Prof. Dr. Rodrigo no endereço Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes, São Paulo/SP - Edifício Cardeal Mota – Sala T-52 A. Nos comprometemos com a sua assistência durante toda a pesquisa. Garantimos o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais que você possa ter a respeito do trabalho e suas consequências; enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Caso ocorra algum dano decorrente da sua participação no estudo, você será devidamente indenizado, conforme está expresso na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde nos itens IV.3 e V.7.

Se houver alguma reclamação, dúvida ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP situado na Rua Ministro Godói, 969 – sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello no bairro Perdizes (CEP: 05.015-001) na cidade de São Paulo-SP, que possui o telefone e e-mail, respectivamente: (11) 3670-8466 e cometica@pucsp.br.

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste

estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

São Paulo, ___ de _____ de 2025.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Marcio Farias

Assinatura: _____

Aluna pesquisadora: Clarice Aparecida Silva Santos

Assinatura: _____